

Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais

MULHERES, AGROECOLOGIA E AS LUTAS POR SAÚDE:

30 anos do SUS,
20 anos do Setor de Saúde
do MST-MG



Belo Horizonte | 2018





Fernando Pimentel

Governador do Estado de MG

Francisco Eduardo Moreira

(em exercício)

Secretário de Estado de Governo

Nalton Sebastião M. da Cruz

Secretário de Estado de Saúde

Lenira de Araújo Maia

Diretora Geral da ESP-MG

Thais Lacerda e Silva

Superintendente de Educação e Trabalho em Saúde

Harrison Miranda

Assessor de Comunicação Social

Organizadoras

Alessandra R. de Faria - ESP-MG

Juliana Lúcia C. S. Moraes - ESP-MG

Ludmila B. Pedro de Farias - MST

Marlene Lemes da Rocha - MST

Terezinha Sabino de Souza - MST

Autoria

Adriana Mitre

Alessandra Rios de Faria

Ana Flávia Quintão Fonseca

Antônia Pereira da Silva

Beatriz Oliveira Carvalho

Bianca Ruckert

Juliana Galvão Afonso

Juliana Lúcia Costa Santos Moraes

Kátia Santos Dias

Ludmila Bandeira Pedro de Farias

Terezinha Sabino de Souza

Co-autoria

Adenilza Marcelo da Silva

Adriana Gonçalves dos Santos

Adriana Medino da Silva

Ana Lúcia de Carvalho

Ana Luiza Barbosa dos Santos

Angela Maria Pires

Aparecida de Fátima G. Soares

Clélia Helena Marioto

Daniete Rosa Silva

Débora Vieira de Jesus

Dinézia Aparecida F. dos Santos

Dilma Edina Pereira

Edna Borges

Enir Vieira Santa Bárbara Coelho

Eunice Moreira Santos Cardoso

Fernanda Silva

Iara Cirilo Moura

Iracilda Avelar Alves

Isabel Aparecida dos Santos

Ivone Gonçalves da Paixão

Janete Parteli de Macedo

Joana Marcelino Silva

José Geraldo Luís Pereira

Juliane Nascimento de Jesus

Kátia Esther Marques Cambiagui

Kelly Gomes Soares

Lilian da Fonseca Nascimento

Lorena Aparecida dos Santos

Lorrayne Oliveira Santos

Lourdes Bernadete Guimarães

Lúcia Martins Pereira

Magna Santos Azevedo

Maria das Dores Gonçalves Coelho

Maria de Jesus Pessoa dos Santos

Maria Eloita Duarte

Maria Gomes dos Santos

Maria Medeiros dos Reis

Marlene Ferreira Martins

Marlene Lemes da Rocha

Mayara Alves Nonato Ferreira

Mercedes Queiroz Zuliani

Neuza Maria da Silva

Obede Vieira de Jesus

Orlanda Maria da Cunha

Otelino Dias

Penha da Silva

Raquel Wanda de Oliveira

Rita de Cássia Santos Nunes

Rosa Helena G. dos Santos

Selma Ferreira Silva

Selma Knupffer

Sueli Gonçalves da Silva

Sueli Guimarães Rodrigues

Vânia Maria

Vilma Aparecida Ribeiro

Zenilda Sônia Pereira Miranda

Revisão de conteúdo/gramatical

Adriana Mitre

Ana Paula Martins Lara

Danielle Costa Silveira

Juliana Galvão Afonso

Maíra Araújo Cândida

Maíra Pereira Santiago

Apoiadoras Pedagógicas

Elma Lúcia de Freitas Monteiro

Erica Menezes dos Reis

Gleide Maria da Silva Martins

Maysa Mathias Alves Pereira

Nathália Ramos Lopes dos Santos

Produção ASCOM/ESP-MG**Diagramação/Layout**

Jacqueline de Castro (Designer)

Mariana Leonel

(Estagiária de Design Gráfico)

Impresso no Parque Gráfico da Companhia de Tecnologia da Informação do Estado de Minas Gerais - Prodemge

Minas Gerais. Escola de Saúde Pública.

M663m Mulheres, agroecologia e as lutas por saúde: 30 anos do SUS, 20 anos do setor de saúde do MST-MG. / Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais. - Belo

Horizonte: ESP-MG, 2018.

80 p.

Inclui referências.

ISBN: 978-85-8408-014-4

1. Mulheres. 2. Agroecologia. 3. Sistema Único de Saúde. 4. MST-MG. I. Título.

NLM WA 390



Sumário

Apresentação	09
---------------------------	-----------

O Setor de Saúde do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Uma breve contextualização dos setores do MST	15
A construção do Setor de Saúde no MST	16
O Setor de Saúde em Minas Gerais: 20 anos de lutas e conquistas	21
As mulheres no Setor de Saúde	25

Ambiente, Saúde e Cuidado: diálogos entre o MST e o Sistema Único de Saúde

Ambiente, Saúde e Cuidado	31
A Agroecologia e o Agronegócio	33
Algumas práticas naturais para produção agroecológica	38
Plantar sem agrotóxico vale a pena!	41
Sentidos da Agroecologia	45
A mulher e a Agroecologia	47
Saneamento para as populações do campo, das águas e das florestas	51
Você sabe o que é saneamento básico?	52
O que é o Programa Nacional de Saneamento Rural?	55
Vigilância e promoção à Saúde para a população do campo	59
Um entre tantos casos	62

E essa luta continua	73
-----------------------------------	-----------

Referências Consultadas	77
--------------------------------------	-----------

Aula de vôo

Mauro Iasi

O conhecimento
caminha lento feito lagarta.
Primeiro não sabe que sabe
e voraz contenta-se com o cotidiano orvalho
deixado nas folhas vividas das manhãs.
Depois pensa que sabe
e se fecha em si mesmo:
faz muralhas,
cava trincheiras,
ergue barricadas.
Defendendo o que pensa saber
levanta certezas na forma de muro,
orgulhando-se de seu casulo.
Até que maduro
explode em vôos
rindo do tempo que imaginava saber
ou guardava preso o que sabia.
Voa alto sua ousadia
reconhecendo o suor dos séculos
no orvalho de cada dia.
Mesmo o vôo mais belo
descobre um dia não ser eterno.
É tempo de acasalar:
voltar à terra com seus ovos
à espera de novas e prosaicas lagartas.
O conhecimento é assim:
ri de si mesmo
e de suas certezas.
É meta da forma
metamorfose
movimento
fluir do tempo
que tanto cria como arrasa
a nos mostrar que para o vôo
é preciso tanto o casulo
como a asa.









Apresentação

A Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG) coerente com sua missão de *“fortalecer o SUS, produzindo e disseminando conhecimentos junto a usuários, trabalhadores e gestores, por meio de ações educacionais e de pesquisa, com a Educação Permanente em Saúde como referencial político-pedagógico”* e reconhecendo a importância da permanente construção e reconstrução da participação social desenvolveu, em 2013, “Oficina de Educação Popular em Saúde Mental” para populações assentadas e acampadas em áreas de reforma agrária de Minas Gerais.

O encontro entre a ESP-MG e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) constituiu um marco na história do Setor de Saúde do Movimento. O Setor é a porta de acolhimento para as mulheres, trabalhadoras Sem Terra que assumem o protagonismo das lutas pelo direito à saúde e a um ambiente saudável para os povos do campo e pelo Sistema Único de Saúde (SUS). São 20 anos de lutas desse Setor em Minas Gerais, que guarda uma história de grandes conquistas e de pequenas, que se fazem no dia a dia, não menos importantes que aquelas, através de enfrentamentos, diálogos e construções com outras instituições, tendo sempre como premissas a promoção, o cuidado e a formação em saúde.

Após a ação educativa de 2013, representantes do Movimento solicitaram à ESP-MG uma ação educativa em que os trabalhadores e trabalhadoras pudessem ter um espaço

para discussão de diversos temas como agrotóxicos, sua relação com saúde ambiental e do trabalhador, Agroecologia e saneamento. A proposta da Oficina de Vigilância e Promoção da Saúde em Áreas de Reforma Agrária foi construída então, com a participação da ESP-MG, da Secretária Estadual de Saúde de Minas Gerais (SES-MG), representantes do Movimento e de docentes parceiros.

A construção da Oficina foi norteada pelo referencial teórico metodológico da Educação Popular em Saúde. Assim, a partir de metodologias dialógicas, as vivências cotidianas das participantes em seu território de vida e trabalho foram valorizadas e permitiram a construção coletiva de conhecimentos sobre os temas demandados.

Os participantes das oficinas foram trabalhadoras assentadas e acampadas de oito regiões de Minas Gerais (Metropolitana, Vale do Rio Doce, Leste de Minas, Vale do Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Norte de Minas, Centro Oeste, Zona da Mata e Sul de Minas) e trabalhadores do SUS de Minas Gerais, de serviços da Atenção Primária em Saúde, da Vigilância em Saúde e da Saúde do Trabalhador.

A oficina com estrutura modular, foi realizada na Escola de Formação Sindical Sete de Outubro, localizada em Belo Horizonte. O primeiro módulo foi realizado entre os dias 08/08/2017 e 11/08/2017 e o segundo, entre os dias 28/11/2017 e 01/12/2017. Os

dois módulos de oficinas foram entremeados por momentos de compartilhamento do conhecimento nos territórios das participantes.

Guiados por Paulo Freire que nos lembra que *“Os homens (e mulheres) se educam uns aos outros mediatizados pelo mundo”* (FREIRE, 1987), procedemos ao processo de conhecer os territórios de vida e trabalho de mulheres agricultoras que atuam também como cuidadoras da saúde em suas comunidades. Empreendemos também o movimento de conhecer ainda mais as realidades locais do SUS em Minas Gerais e construir diálogos com a Atenção Primária à Saúde, com a Vigilância em Saúde e com a Saúde do Trabalhador. Assim, a construção desta ação educacional envolveu o esforço, o encontro e o diálogo entre diversos atores: educadores e educadoras do MST, trabalhadoras da ESP-MG e da Secretaria Estadual de Saúde, profissionais de saúde dos municípios e profissionais contratadas para desenvolver a ação.

Durante as reuniões, por meio do diálogo e da problematização, embates, debates e soluções eram construídas. Mulheres de diferentes classes sociais, religiões, raças, pertencimentos, expunham e debatiam seus saberes e negociavam encaminhamentos. Tempo de trocas intensas e construção de novos olhares e perspectivas sobre as outras e sobre nós mesmas.

Conhecer de perto, cores, sabores, cheiros, desafios da vida no campo e da luta pela reforma agrária imprime a necessidade de reposicionamentos e reflexões sobre o papel da formação acadêmica, sobre o saber popular, sobre o desafio permanente de construir e sustentar o SUS público, gratuito e universal.

Na oportunidade dos encontros presenciais conversamos sobre o que fortalece e enfraquece a vida nos territórios da reforma agrária, falamos de trabalho-uso-de-agrotóxico-adoecimento, debatemos a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas, falamos muito de Agroecologia, de saneamento ecológico, segurança alimentar e nutricional e o papel da mulher nesse contexto.

Ao longo do período intermediário entre os dois módulos de oficinas, as coordenadoras assistentes realizaram grupos de discussão e oficinas locais nos diversos acampamentos e assentamentos, abordando estes temas, de forma a multiplicar o conhecimento construído na oficina. Da mesma forma, trabalhadores e trabalhadoras do SUS, participantes da ação,



tiveram a oportunidade de estar junto aos trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra em seus territórios. Foi uma oportunidade para um café e um dedo de prosa. O SUS que queremos é este, que se faz de maneira participativa e dialógica, no território onde as pessoas vivem e (re)existem. Esta ação educativa foi um convite a isto: ao diálogo, ao reconhecimento do outro e da outra, ao cuidado, às singularidades e pertencimentos, às conquistas alcançadas e os caminhos que ainda queremos e precisamos trilhar. Tudo isto como laboratório vivo da empatia, da participação e do protagonismo, eixos da luta permanente pelo SUS. Temos consciência que ainda há muito que ser feito. E também

celebramos tudo o que foi edificado e prosperará!

Nessa cartilha vamos aprofundar nossa conversa sobre o Setor de Saúde do MST e sua atuação em defesa do SUS e sobre as relações entre ambiente, saúde e cuidado das populações que vivem em áreas de Reforma Agrária.

Os textos que seguem são uma construção coletiva com mulheres, camponesas e trabalhadoras Sem Terra, que ganharam vozes através dessa escrita. Eles expressam saberes populares e científicos que atravessam a vida dessa população.







O Setor de Saúde do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Neste texto inicial conheceremos um pouco mais sobre o MST e seus setores, em especial a história de organização e de luta do Setor de Saúde em âmbito nacional e no estado de Minas Gerais. Dialogaremos também sobre o protagonismo da mulher nas lutas por saúde e no cuidado à população do campo.

“O Cântico da Terra”

Cora Coralina

“Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.

Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.

Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fatura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.”

Uma breve contextualização dos setores do MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – o MST – teve início em 1984 e é um movimento social de massas, de caráter autônomo e sindical, constituído por trabalhadores rurais sem-terra: parceiros, arrendatários, meeiros, assalariados rurais, posseiros e pequenos proprietários. Possui como objetivos a luta por terra, pela Reforma Agrária e pela transformação da sociedade.

A luta por terra e seu processo formativo mostraram a necessidade de ampliar e complexificar a luta. Mostrou-se necessário lutar por saúde, por condições para a produção e geração de renda, por educação em todos os níveis, por lazer e cultura. Essas necessidades fizeram com que o Movimento se organizasse por meio de diferentes setores, onde se planeja, coordena e organiza as demandas. Eles existem em diferentes instâncias do MST: nas bases, nos acampamentos e assentamentos, nas regiões e nos estados. Os setores que compõem a organização do Movimento são:

Frente de Massa: organiza a luta pela terra, por meio das ocupações e lutas políticas;

Produção: organiza a produção de alimentos nos assentamentos e acampamentos, bem como sua comercialização, e auxilia na gestão das cooperativas;

Gênero: organiza e fomenta debates sobre gênero dentro do movimento, assim como ações de luta das mulheres e pelo feminismo;

Educação: organiza a luta pela educação do campo, preocupando-se com todos os estágios de escolarização do Sem Terra – da primeira infância à pós-graduação;

Comunicação: responsável pela comunicação interna do MST e o diálogo com a sociedade;

Saúde: promove e fortalece as práticas populares de cuidado e luta pelo fortalecimento da saúde como direito à vida.



A construção do Setor de Saúde no MST

O Setor Nacional de Saúde do MST está organizado desde 1998. Foi a partir do trabalho das “equipes de saúde” que se constituíram coletivos de saúde em cada estado e também no país.

Desde os primeiros acampamentos do MST constituíram-se equipes responsáveis por cuidar dos militantes adoecidos. Esse cuidado sempre trouxe consigo uma ética: proteger e zelar pelos companheiros. As mediações desse processo sempre expressaram relações humanas baseadas em valores de solidariedade, companheirismo, cooperação e fraternidade. A preocupação, inicialmente, estava centrada na doença, na produção de medicamentos (tinturas, pomadas, florais) para sanar as necessidades das pessoas que viviam nos acampamentos. O trabalho das equipes de saúde expressava um conhecimento e um saber popular sobre cuidados com a saúde e a relação humana com a natureza, que eram próprios dos trabalhadores do campo. A aproximação com a medicina curativa se fazia presente e, pouco a pouco, a luta por saúde na reforma agrária foi tomando forma e se aproximando dos referenciais da reforma sanitária, pois o coletivo de saúde, através de suas práticas, percebeu que o cuidado é apenas uma das dimensões da saúde e que a saúde está vinculada às questões que dizem respeito ao modo de produzir a vida, ou seja, é determinada pelas condições socioeconômicas, políticas e culturais da sociedade.

O aprofundamento deste entendimento veio através da reflexão pelo Movimento de que a saúde não é um campo neutro, mas sim de disputas políticas. Estas disputas se expressam, por exemplo, no modelo adotado no Brasil de uma agricultura baseada no uso do agrotóxico, que tem como consequência o alto consumo de agrotóxico pela população através dos alimentos; na perda da soberania dos povos das sementes crioulas (sementes cultivadas e selecionadas ano após ano sem uso de venenos e adubos químicos); nas disputas de territórios pelos povos e comunidades tradicionais; pela disputa expressa no complexo modelo capitalista “médico-industrial-farmacêutico.” Sobre essa dinâmica complexa vejamos a explicação do Caderno de saúde n. 5 – Construindo o conceito de saúde do MST:

“No Brasil as indústrias multinacionais que produzem produtos químicos, farmacêuticos e de alimentos são as que mais agredem o meio ambiente e o ser humano. Para elas a saúde da natureza e do homem é uma mercadoria: quanto mais doentes ficarem a natureza e o seres humanos mais remédios químicos eles vão vender para “sara” as doenças e mais agrotóxicos vão produzir para “recuperar” o solo e a produção das lavouras. E, assim, mais lucros vão ter. Pois, quanto mais se usam agrotóxicos e remédios químicos, mais doentes ficam o homem e a natureza”.

A compreensão de que saúde está além do Setor de Saúde levou o MST a ampliar seu

conceito teórico sobre saúde, provocando o redimensionamento na atuação do setor, incluindo a necessidade de formar profissionalmente seus militantes, de articular o trabalho em saúde aos outros setores do movimento e de fortalecer a organização para garantir a ampliação de sua atuação. Esse redimensionamento foi expresso no documento Boletim Informativo do Coletivo Nacional de Saúde de 2007 que definiu objetivos estratégicos que orientam as ações do Setor de Saúde. São eles:

- **Luta pela Saúde** – Lutar contra o modelo de saúde capitalista expresso no complexo médico-hospitalar-farmacêutico e no agronegócio, re-significar a saúde na perspectiva da classe trabalhadora, garantindo o direito à saúde como dever do Estado.
- **Trabalho em Saúde** – Incorporar a ética do cuidado como estratégia de promoção, prevenção e atenção à saúde, fortalecendo as práticas populares afirmando a cultura e saberes do povo.
- **Organicidade** – Garantir a participação orgânica e política do (as) militantes em todos os espaços coletivos baseados nos princípios do MST.

Nesse processo, retomou-se também a elaboração dos princípios que orientam as ações do Setor de Saúde do MST. São eles:

1. Luta pela valorização da vida;
2. Saúde como uma conquista de luta popular;
3. Saúde como direito;
4. Lutar pela consolidação de Políticas Públicas em Saúde;
5. Respeito às diferenças;
6. Fortalecimento das práticas e saberes populares em saúde;
7. Educação permanente em saúde;
8. Socializar os conhecimentos e as informações

Ao longo desse processo, o tema da saúde ambiental foi incorporado à pauta do Coletivo Nacional de Saúde, devido à situação de saúde das famílias assentadas e acampadas e sua relação com a falta de saneamento, a contaminação por agrotóxicos e as condições de moradia. Em 2008, o Setor passou a planejar ações de formação na área de saúde e ambiente, visando construir estratégias de



enfrentamento aos determinantes sociais da saúde da população do campo.

Considerando-se os objetivos estratégicos e os princípios adotados pelo MST, seria necessário reivindicar a garantia de políticas públicas de saúde à população do campo. Percebeu-se a urgência em defender o SUS como um direito de todos, a fim de levar aos governos e outras instituições as demandas e as realidades dos acampamentos e assentamentos.

As lutas do Setor de Saúde representaram verdadeiros marcos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e deixaram um legado para a população de todo país. Exemplos disso é a criação da Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas (PNSIPCFA),

e o envolvimento de lideranças do MST em espaços institucionalizados de participação popular e controle social, como os conselhos locais, municipais, estaduais e nacionais de saúde. Tais exemplos demonstram a participação do Movimento na defesa, fiscalização e construção de políticas públicas.

Outra conquista do Setor de Saúde são as parcerias com instituições de ensino para a formação de seus trabalhadores, como, por exemplo, a Universidade Federal de Minas Gerais, a Universidade de Brasília, a Escola Latinoamericana de Medicina, em Cuba, a Escola Politécnica Joaquim Venâncio, do Rio de Janeiro, a Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, dentre outras. As trabalhadoras e trabalhadores do movimento vêm realizando cursos sobre produção de



remédios, florais, homeopatias, Agroecologia, feminismo, saúde mental, entre outros temas. Essas parcerias permitem a construção de novos conhecimentos entre todos os envolvidos e colaboram para a construção de redes solidárias e cooperativas em prol dos direitos dos trabalhadores do campo.

Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das Águas (PNSIPCF)

A Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF), aprovada na 14ª Conferência Nacional de Saúde, é um marco histórico na Saúde e um reconhecimento das condições e dos determinantes sociais do campo e da floresta no processo saúde/doença dessas populações. Fruto do debate com representantes dos movimentos sociais, consagra-se com a Portaria nº 2.866/2011, que institui a política no âmbito do SUS, um instrumento norteador e legítimo do reconhecimento das necessidades de saúde das referidas populações.

A PNSIPCF tem como objetivo melhorar o nível de saúde das populações do campo e da floresta, por meio de ações e iniciativas que reconheçam as especificidades de gênero, de geração, de raça/cor, de etnia e de orientação sexual, objetivando o acesso aos serviços de saúde; a redução de riscos à saúde decorrentes dos processos de trabalho e das inovações tecnológicas agrícolas; e a melhoria dos indicadores de saúde e da sua qualidade de vida.



Falando de nós mesmas

(Sandor Sanches)

Onde pisa UMA MULHER há sentimento,

Onde pisam DUAS MULHERES, há determinação,

Onde pisam TRÊS MULHERES, a organização nasce.

Mas quando MAIS MULHERES se juntam e pisam na terra
firme, germina a esperança, já é possível PLANEJAR a
COLHEITA da SAFRA de um MUNDO NOVO.

O setor saúde em Minas Gerais: 20 anos de lutas e conquistas

Em Minas Gerais, a construção do Setor de Saúde do MST representa a história de luta e participação das mulheres no cuidado à saúde das populações do campo, ao longo de todo o período. Inúmeras mulheres estiveram à frente do cuidado à saúde das pessoas em todos os territórios de acampamentos e assentamentos no Estado.

Algumas delas são Marlene Ferreira Martins, Antônia Pereira da Silva, Maria Medeiros dos Reis, Terezinha Sabino, Zenilda Sônia Pereira Miranda, Joana Marcelino Silva e Marlene Lemes da Rocha. Em prosa, elas nos contam os marcos e avanços do setor:

Zenilda, do assentamento 1º de junho, em Tumiritinga, conta que nos primeiros acampamentos do movimento uma ação desenvolvida foi a construção de uma farmacinha. Nos anos finais da década de 80, o foco na medicina curativa e no uso de medicamentos alopáticos era referência no cuidado às pessoas adoecidas. No decorrer da luta, essa concepção foi mudando, tornando-se mais ampliada e alinhada aos princípios da Reforma Sanitária. Terezinha Sabino, moradora do Assentamento Oziel Alves Pereira, em Governador Valadares, explica a tradução que fizeram sobre o conceito de saúde: *“Hoje conceituamos que saúde não é doença. Saúde é ter terra pra trabalhar, é ter casa pra morar, é ter alimento saudável livre de agrotóxico e qualquer veneno, é ter lazer e esporte, é ter educação de qualidade, é ter vida*

digna, é ter um salário digno. É um conjunto de coisas essenciais para a vida de uma pessoa do campo ou da cidade.”

A dedicação e a vontade que as pessoas tinham e têm de cuidar umas das outras e cooperar para a recuperação dos adoecidos é também uma marca do Setor de Saúde de Minas Gerais. A equipe de saúde de cada acampamento e assentamento não mede esforços para oferecer os cuidados às famílias. As concepções e práticas de cuidado desenvolvidas pelas mulheres do Setor de Saúde também são levadas às comunidades rurais vizinhas. As cuidadoras saem de suas casas para cuidar das famílias nas pequenas comunidades próximas ao acampamento ou ao assentamento.

Este modo de perceber e atuar influencia a compreensão do movimento sobre o que é cuidar. Marlene Lemes, do acampamento Egídio Bruneto, em Campanário, Vale do Rio Doce, nos fala sobre sua concepção de cuidado em saúde: *“cuidado para nós é sentimento, sensibilidade de cuidar do outro, da gente, do vizinho, dos animais, da natureza, do nosso espaço. O cuidado é vital! Traz aquele sentimento de integração com o todo, cuidado com tudo e com todos. Respeito, escuta, cuidado com a natureza, compreendendo que nós somos natureza. Se a natureza vai mal eu também vou mal”.*

A fala de Marlene aponta para a importância



de refletir e de agir também no cuidado ao ambiente. Esta também é uma preocupação de Zenilda: *“Sempre houve uma preocupação de pensar no ambiente e nas pessoas que estão ali. Hoje, a cada vez que um acampamento vai ser formado, as mulheres do Setor de Saúde são as primeiras a chegar, analisar o território e ajudar as famílias a definir onde serão construídas as fossas, as casas, as plantações”*. O referencial da Agroecologia e todos os seus ensinamentos e técnicas são difundidos nos acampamentos e assentamentos desde o ano de 2008.

O Setor de Saúde de Minas Gerais também avançou no projeto de plantio e manutenção de hortas medicinais em acampamentos e assentamentos. Algumas regiões estão mais avançadas que outras, mas todas se dedicam a valorizar e construir cotidianamente os saberes e práticas de cuidado popular e a lutar por políticas públicas. Como exemplo podemos citar a horta medicinal do assentamento Nova Conquista II, no Sul de Minas. Obede Vieira nos conta que hoje existem 20 mulheres aprendendo teoria e prática em cultivo de plantas medicinais. Lá elas também fazem um curso de seis meses, onde têm a oportunidade de aprender sobre os direitos das mulheres e de discutir diversas questões dentro da concepção feminista.

Desde a primeira ocupação e composição do acampamento Aruega, em 1988, em Novo Cruzeiro, região do Jequitinhonha, as parcerias são destaques na luta, organização e formação de militantes do MST. Podemos citar a parceria com a igreja católica através de ações como cursos, doações de alimentos, roupas e medicamentos, além de apoio político em negociações.

As parcerias para a formação também têm sido fundamentais para o desenvolvimento do

Setor. Para fortalecer a luta, o conhecimento é ferramenta necessária. No estado de Minas Gerais, o Movimento realiza ações em parceria com a Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Universidade Federal de Minas Gerais e a Escola de Saúde Pública. Com estas parceiras foram realizados cursos de homeopatia humana, animal e da terra, produção de fitomedicamentos como tinturas, pomadas, shampoos, cursos de saúde mental, saúde e ambiente, entre outros. A parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais se deu através do Internato Rural onde estudantes de medicina estagiavam nos municípios em que havia acampamentos e assentamentos da reforma agrária. A parceria com a Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais se expressa por meio da realização de dois cursos: um sobre cuidados em saúde mental e outro sobre vigilância e promoção à saúde na perspectiva da Agroecologia, cujo um dos frutos é este material. Esses cursos são fruto de lutas para o acesso à formação, pela valorização dos saberes populares de cuidado e também pelo diálogo e aproximação com o conhecimento científico. Os conhecimentos científicos são bastante valorizados e a defesa do movimento é para que os populares também sejam.

Para o Setor de Saúde, a formação é uma conquista muito valorizada. É o que nos diz Terezinha Sabino *“Assim vamos formando nosso povo politicamente para se contrapor ao agrotóxico, melhorar a qualidade da nossa alimentação e ir capacitando as pessoas para uma vida melhor. Com saúde podemos continuar lutando para contribuir com o bem-estar da humanidade, cultivando nossas sementes crioula, cultivando nossas plantas sem agrotóxico, cultivando nossos sonhos, melhorando as condições de vida da humanidade. Assim, estaremos realizando os*

nossos sonhos". A companheira Débora Vieira do acampamento Irmã Doroty, no Sul de Minas, concorda com a importância da formação e nos diz que "as mulheres precisam buscar o conhecimento, pesquisar e entender sobre as coisas, pois conhecimento liberta. Faz a mulher se mover de um lugar onde ela é oprimida, para ir a outro lugar, o da emancipação e do empoderamento. Para ela, se a mulher não cuida disso, vai sofrer pelo resto da vida".

A formação dos militantes tem ligação com a expansão da luta pelo direito à saúde. Terezinha Sabino destaca a *"luta em defesa do SUS, como uma política de direitos. O SUS é a política de atendimento a toda a classe trabalhadora. Então o movimento age na defesa do SUS para garantir a saúde como um direito de todas e todos"*.

O MST atua também para que haja avanços e melhorias no SUS e no cuidado às populações camponesas. Uma frente de atuação do Setor de Saúde de Minas Gerais foi a mobilização para a conquista de equipes de Saúde da família que atendessem às famílias nos

acampamentos e assentamentos. Outro enfrentamento foi para que mulheres acampadas e assentadas fossem contratadas para atuarem como Agentes Comunitárias de Saúde. Em muitas regiões estas lutas tiveram êxito. Ter profissionais de saúde que conhecem de perto o território e os modos de vida da população é fundamental para construção do cuidado!

Registrando as lutas, enfrentamentos, construções e conquistas celebramos os 20 anos do Setor de Saúde em Minas Gerais. Ao longo dessa trajetória, percebemos como a concepção de saúde vai se ampliando e fortalecendo e como retrata a luta pela valorização da vida; a saúde como direito humano, fruto de mobilização popular. Lutas para a consolidação de Políticas Públicas em Saúde que considerem e respeitem as diferenças; para a valorização e fortalecimento das práticas e saberes populares em saúde, que remete a discussão sobre saúde do campo e, principalmente ao diálogo sobre o papel e a importância da mulher neste processo.



Todas as Vidas

Cora Coralina

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé
do borralho,
olhando para o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...
Vive dentro de mim
a lavadeira
do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde
de São-caetano.
Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de
picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.

Pisando alho-sal.
Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada,
sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.
Vive dentro de mim
a mulher roceira.
-Enxerto de terra,
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.
Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo ser alegre
seu triste fado.
Todas as vidas
dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera
das obscuras!

As mulheres no Setor de Saúde

Como vimos na história do Setor de Saúde, as mulheres sempre foram protagonistas nas lutas do MST, em todo o território nacional. Nos momentos das ocupações de terra, lá estão elas, quase sempre com as crianças nos braços, fazendo enfrentamentos e construindo resistência, na luta por reforma agrária e justiça social.

Nos assentamentos e acampamentos da reforma agrária do MST é comum que as mulheres se insiram, inicialmente, nos espaços mais voltados para a dimensão do zelo e cuidado, como o Setor de Saúde e educação. Observamos, nas áreas de Minas Gerais, que as mulheres iniciam sua vida política por meio do Setor de Saúde por verem nesse setor a possibilidade de cuidar do outro.

É o que nos conta Sueli Guimarães Rodrigues, moradora do Acampamento Pátria Livre, em São Joaquim de Bicas: “Eu via as pessoas

passando mal dentro do acampamento e com aquela prática de chazinho para os netos, fui fazendo os procedimentos. Um chazinho pra dor de barriga, pra gripe, um hortelã, uma erva doce, um capim cidreira. O pessoal falava ‘a Sueli é boa’, então sempre tinha gente na minha porta. Aí o coordenador da nossa regional me chamou para entrar. Agora eu sou coordenadora da regional junto com eles, formando a equipe da área de saúde”.

Assim, podemos dizer que o Setor de Saúde é a grande experiência de organização e formação política das mulheres. Participar do Setor fortalece, ensina e prepara a mulher para atuar em qualquer setor do Movimento.

E como acontece essa preparação? Uma grande aposta é o resgate e a valorização dos saberes que as mulheres têm sobre o cuidado, sobre a natureza, sobre o corpo. Para aprofundarmos nossos conhecimentos sobre o assunto, vejamos o texto da companheira Ludmila Pedro de Farias, do assentamento Estrela do Norte, em Montes Claros:



As Bruxas: valorizando os saberes das mulheres!

A história das bruxas tem marcos na Idade Média, mais precisamente entre os séculos XV e XVII, quando eram as mulheres que dominavam a prática da medicina popular, que tinha duas dimensões: uma prática e outra mágica. No aspecto prático, essas mulheres detinham conhecimentos tradicionais sobre o corpo, a saúde, a cura de males, a sexualidade, trabalhos de parteira, a natureza, a terra e seu cultivo e conheciam profundamente as plantas medicinais. No aspecto mágico, estas mulheres eram detentoras de um poder/saber, os quais eram usados em diversos rituais. Acontece que houve uma mudança, uma passagem do universo mágico, dominado pelas mulheres, para o do paradigma científico. Esta transição foi datada do final do século XV e representou uma verdadeira caça às “bruxas”, pois foi coincidente com outros dois eventos importantes na história humana que refletiram nas percepções sobre as mulheres e a natureza: a Reforma Protestante/Contra Reforma e a Revolução Científica.

A Revolução Científica representou a ruptura com o pensamento mágico, criando uma nova lógica do conhecimento e sua produção. Com essa ruptura a mulher sábia foi demonizada, sua forma física e sua moral foram questionadas, assim como sua sexualidade e inteligência. Toda esta perseguição se deu para dar lugar às novas descobertas, invenções e estudos praticados por homens.

Inicia-se então, com essa mudança de paradigma, a criminalização das mulheres

detentoras de um conhecimento laico sobre saúde, natureza e corpo. Elas foram perseguidas e mortas pelos grandes reformadores protestantes e inquisidores, pelos eruditos, humanistas, monges e padres, enfim, por homens.

E quem eram essas mulheres acusadas de serem bruxas?

Essas mulheres eram velhas senhoras que habitavam regiões rurais, viúvas, e também as mulheres solteiras “sem dono – pai ou marido” que faziam uso da medicina popular, dos encantamentos, magia amorosa até práticas obstétricas. Ou seja, eram mulheres autônomas que mantinham conhecimentos locais e tradicionais sobre a natureza, o corpo, a saúde.

O pensador Boaventura de Souza Santos (2007) nos ajuda a compreender essa dinâmica. Ele nos mostra que ao conceder à ciência o monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso, o pensamento moderno relegou à invisibilidade todas as formas de conhecimento que extrapolam esse tipo de distinção, como é o caso dos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas. Ou seja, todos os conhecimentos não hegemônicos, como é o caso dos saberes tradicionais das mulheres do campo, passaram a não ser considerados relevantes ou compreensíveis.

Nesse processo histórico vê-se a dinâmica de invisibilização e silenciamento das mulheres detentoras de conhecimento (médico, científico, de seu próprio corpo,

sexualidade, literatura). Este silenciamento veio com as práticas e excessos comuns à inquisição como, por exemplo, queima de mulheres em fogueiras. Nesse sentido, toda a liberdade que a mulher possuía, lhe foi negada. O livre acesso à esfera pública da sociedade que essas mulheres detinham - trabalhar, exercer a sexualidade, a prática da ciência, foi restringido. Produziu-se uma nova realidade para as mulheres, que refletiu de forma sistemática no

comportamento social: à mulher se reservou à esfera privada na sociedade.

No entanto, mesmo com todo esse movimento de disciplinarização do feminino, as mulheres não sucumbiram plenamente a comportamentos impostos. Durante todo o período repressor da Idade Média não abandonaram espaços de atuação e resistência.

Após mais de três séculos de resistência e da “caça às bruxas”, as mulheres, antes silenciadas, reocupam seu espaço na sociedade e conquistam suas vozes novamente.

Neste sentido é que no MST o termo “bruxa” foi retomado e reconhecido como uma construção dos saberes femininos. E, também neste sentido, o Setor de Saúde tornou-se um espaço de “entrada” para as mulheres nos acampamentos e assentamentos. Todos os saberes e práticas relacionados aos cuidados, como vimos anteriormente, pertencentes às bruxas, são considerados e valorados.

Para o MST, ser uma bruxa é ter o reconhecimento de uma identidade, de uma afirmação política de representação. Inclui a possibilidade de serem mulheres, cuidadoras, femininas, feministas, dirigentes políticas, produtoras rurais, mães e terem a liberdade de controle do corpo e da sua sexualidade.

É nesta perspectiva, libertadora e emancipadora, que a formação das mulheres vai se dando no MST.

Assim, valorizando e reconhecendo saberes e trajetórias de mulheres, agimos, sem medo de ser mulher.







Ambiente, Saúde e Cuidado: Diálogos entre o MST e o SUS

No próximo texto vamos falar um pouco sobre a Agroecologia, suas práticas, experiências e sentidos e como as mulheres Sem Terra se inserem nesse cenário.

Caminhos Alternativos

Zé Pinto

Se plantar o arroz ali,
se plantar o milho a cula,
um jeito de produzir,
pra gente se alimentar.
Primeiro cantar do galo,
já se levanta da cama,
e o camponês se mistura
a terra que tanto ama.

Amar o campo, ao fazer a plantação,
não envenenar o campo é purificar o
pão.

Amar a terra, e nela plantar semente,
a gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.

Choro virou alegria,
a fome virou fartura,
e na festa da colheita,
viola em noite de lua.
Mutirão é harmonia,
com cheiro de natureza,
o sol se esconde na serra
e a gente ascende a fogueira.

Amar o campo, ao fazer a plantação,
não envenenar o campo é purificar o
pão.

Amar a terra, e nela plantar semente,
a gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.

Quando se venena a terra,
a chuva leva pro rio,
nossa poesia chora,
se a vida tá por um fio,
e ela é pra ser vivida,
com sonho, arte e beleza,
caminhos alternativos
e alimentação na mesa.

Amar o campo, ao fazer a plantação,
não envenenar o campo é purificar o
pão.

Amar a terra, e nela plantar semente,
a gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.

Ambiente, Saúde e Cuidado

Desde muito tempo os seres humanos têm se relacionado com a natureza como se ela fosse uma fonte inesgotável de recursos, como se nunca fossem acabar. O mundo capitalista em que vivemos nos molda como uma sociedade de consumo irracional que não pensa nas consequências futuras quando busca o bem-estar imediato.

Nessa lógica, os bens da natureza são retirados e transformados em produtos de vários jeitos. Compramos esses produtos sem refletir como foi o processo de sua produção, desde a retirada da matéria prima da natureza, até ele ficar pronto para comercialização. É como se ignorássemos que, em todo esse processo, são gerados resíduos, que são devolvidos para o meio ambiente de forma destruidora e que existe uma exploração enorme de recursos naturais, que um dia acabarão se a sociedade não mudar seu modo de se relacionar com a natureza e seus bens.

Precisamos urgentemente entender que a natureza não existe para nos servir, que não somos seus donos e sim parte integrante dela. Tudo o que fizermos a ela, seja cuidando ou destruindo, se volta para nós em forma de benefícios ou malefícios. E isso é uma responsabilidade que temos de assumir e um compromisso com o presente e futuro das nossas crianças.

Muitos trabalhadores e trabalhadoras rurais do MST já entenderam bem esse jeito de

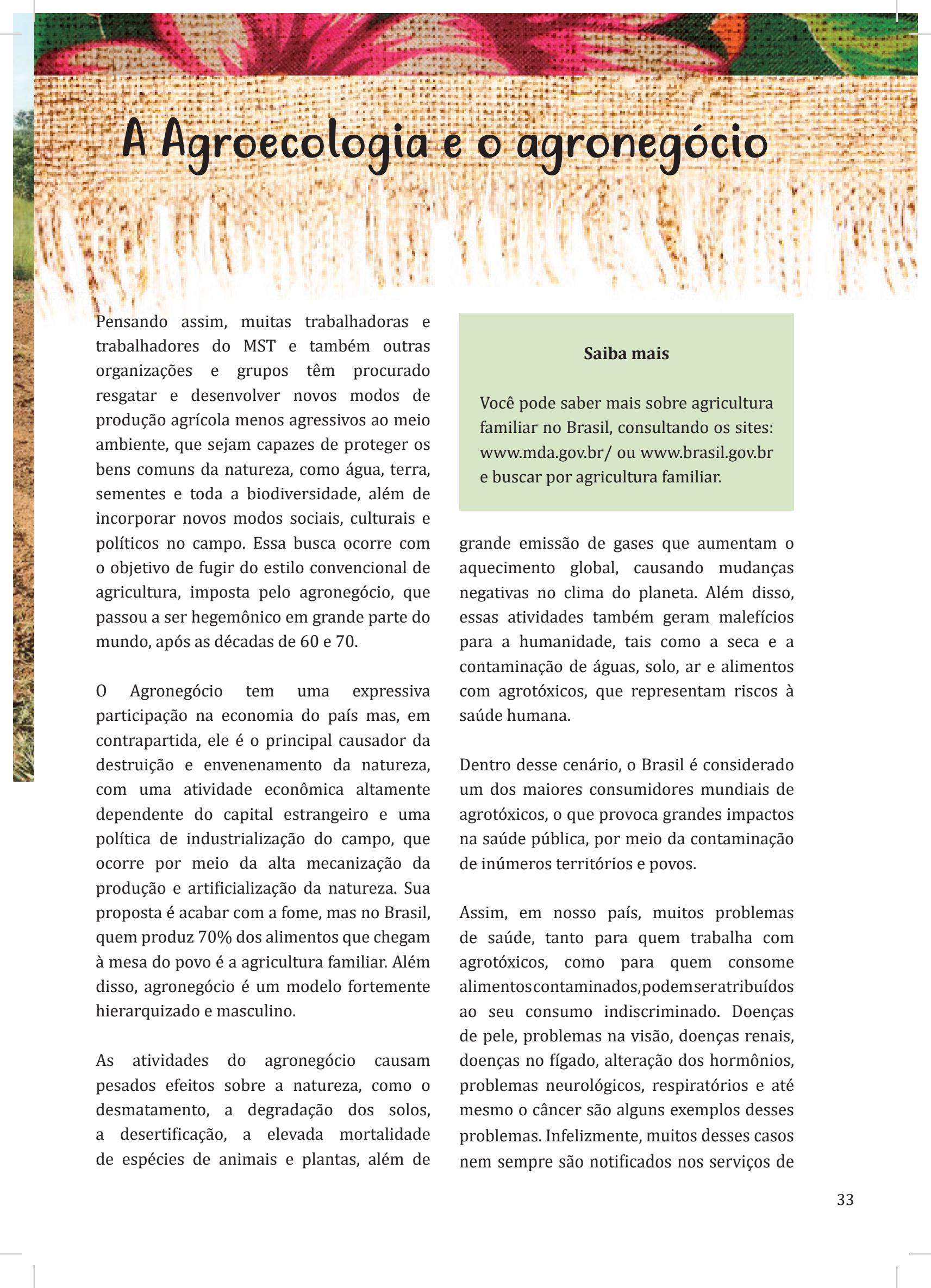
lidar com a natureza. Eles já compreendem que para termos saúde, precisamos viver em um ambiente saudável, que a saúde das pessoas não está separada da saúde do ambiente e que, por isso, devemos cuidar do espaço do qual somos uma importante parte integrante. Então, antes de produzir qualquer alimento, procuram primeiro entender como a natureza funciona. Resgatam os saberes de seus ancestrais para compreender melhor. Aprendem e ficam atentos aos sinais da natureza. Escutam o que ela diz. Pedem licença e junto a ela produzem o seu sustento. Sabem que cuidando do ambiente estão cuidando das pessoas, dos próximos. E que produzir alimento saudável é uma forma de cuidado.

Um ambiente saudável, para o pesquisador Affonso (2015), é um conjunto de elementos e condições que possibilitam a vida, sendo um bem de uso comum e direito de todas as pessoas e formas de vida. É um ambiente equilibrado, que proporciona a manutenção da vida, por meio do acesso à alimentação, moradia, saneamento, ambiente, trabalho, renda, educação, transporte, lazer, atividade física e o acesso aos bens e serviços essenciais. A preservação do meio ambiente, seja ele doméstico, coletivo ou do trabalho, é essencial para a qualidade de vida do cidadão.



Vânia Maria do Assentamento Liberdade, município de Periquito, no Vale do Rio Doce, diz que todos nós temos o direito a uma vida saudável e produtiva, em harmonia com a natureza e que quando um trabalhador ou trabalhadora do MST luta pela terra, estão lutando por esse direito. Ao contrário do que rege o modelo hegemônico de produção capitalista, não visam o lucro e sim a alimentação da população, principalmente dos mais pobres. Para ela, a reforma agrária popular é importante para toda a sociedade, não só para o movimento Sem-Terra. Ocupar e conquistar uma terra improdutiva significa

muito mais que almejar sua posse pura e simplesmente, no sentido de ter uma terra. Significa a conquista de uma autonomia. Autonomia de produzir alimentos. Autonomia que liberta do modo de produção hegemônico. Autonomia que traz dignidade. Autonomia que tira da marginalidade, da criminalidade e que devolve a essência do ser humano. E o benefício da terra não pode ficar só pra quem a consegue. Ele tem que ser retribuído para o Brasil na forma de alimentos saudáveis e isso é cuidar das pessoas e da natureza. E isso é o que muitos trabalhadores e trabalhadoras do MST querem.



A Agroecologia e o agronegócio

Pensando assim, muitas trabalhadoras e trabalhadores do MST e também outras organizações e grupos têm procurado resgatar e desenvolver novos modos de produção agrícola menos agressivos ao meio ambiente, que sejam capazes de proteger os bens comuns da natureza, como água, terra, sementes e toda a biodiversidade, além de incorporar novos modos sociais, culturais e políticos no campo. Essa busca ocorre com o objetivo de fugir do estilo convencional de agricultura, imposta pelo agronegócio, que passou a ser hegemônico em grande parte do mundo, após as décadas de 60 e 70.

O Agronegócio tem uma expressiva participação na economia do país mas, em contrapartida, ele é o principal causador da destruição e envenenamento da natureza, com uma atividade econômica altamente dependente do capital estrangeiro e uma política de industrialização do campo, que ocorre por meio da alta mecanização da produção e artificialização da natureza. Sua proposta é acabar com a fome, mas no Brasil, quem produz 70% dos alimentos que chegam à mesa do povo é a agricultura familiar. Além disso, agronegócio é um modelo fortemente hierarquizado e masculino.

As atividades do agronegócio causam pesados efeitos sobre a natureza, como o desmatamento, a degradação dos solos, a desertificação, a elevada mortalidade de espécies de animais e plantas, além de

Saiba mais

Você pode saber mais sobre agricultura familiar no Brasil, consultando os sites: www.mda.gov.br/ ou www.brasil.gov.br e buscar por agricultura familiar.

grande emissão de gases que aumentam o aquecimento global, causando mudanças negativas no clima do planeta. Além disso, essas atividades também geram malefícios para a humanidade, tais como a seca e a contaminação de águas, solo, ar e alimentos com agrotóxicos, que representam riscos à saúde humana.

Dentro desse cenário, o Brasil é considerado um dos maiores consumidores mundiais de agrotóxicos, o que provoca grandes impactos na saúde pública, por meio da contaminação de inúmeros territórios e povos.

Assim, em nosso país, muitos problemas de saúde, tanto para quem trabalha com agrotóxicos, como para quem consome alimentos contaminados, podem ser atribuídos ao seu consumo indiscriminado. Doenças de pele, problemas na visão, doenças renais, doenças no fígado, alteração dos hormônios, problemas neurológicos, respiratórios e até mesmo o câncer são alguns exemplos desses problemas. Infelizmente, muitos desses casos nem sempre são notificados nos serviços de



saúde, pois os profissionais de saúde não estão bem preparados para identificar os efeitos das intoxicações por agrotóxicos. Sem essa relação causal, fica mais difícil em se ter uma ideia dos impactos na saúde causados pelos agrotóxicos e estabelecer uma política de controle mais eficiente.

Em resposta a esse modelo de produção, nas últimas décadas, foram sendo retomadas formas de agricultura tradicional e resgatados conhecimentos sobre a natureza e o manejo das culturas de alimentos em harmonia com o ambiente, com diferentes nomes: agricultura orgânica, biológica, natural, ecológica, biodinâmica, permacultura, entre outras. Diante da junção de tantos conceitos nasce a Agroecologia, uma prática alternativa ao modelo convencional, passando a ser defendida como forma de proteção dos bens naturais comuns e como uma possibilidade para desenvolver sistemas agrícolas sustentáveis, relacionando sustentabilidade e agricultura.

A Agroecologia se apresenta como uma forte oposição ao agronegócio. O movimento agroecológico no Brasil luta contra os graves impactos ambientais, sociais, culturais e econômicos originados do agronegócio. Nos últimos anos, o movimento agroecológico tem aumentado suas ações com agricultores familiares, camponeses, extrativistas, comunidades tradicionais e indígenas, que formam as suas bases.

No MST, a Agroecologia tem sido uma forte bandeira, pois para os trabalhadores e trabalhadoras do movimento Sem Terra, Agroecologia não é só produzir de forma saudável, mas é cuidar do meio ambiente

Saiba mais

Você pode saber mais sobre os perigos do agrotóxico, consultando o Dossiê da Abrasco “Impactos dos agrotóxicos na Saúde”. Fale com uma pessoa responsável pelo Setor Saúde da sua região, sobre a disponibilização do documento para a leitura.

em que se vive, da terra, da água; é ter soberania sobre as sementes; é valorizar os conhecimentos tradicionais; é trazer outro modelo de produção que leve alimentos saudáveis para toda a população.

A Agroecologia tem crescido frente ao avanço do agronegócio, e se apresentado como uma oportunidade de superação desse modelo predatório, que causa males à saúde das pessoas e à natureza. Contudo, ainda não possui grande alcance, frente à entrada que o agronegócio tem nos grandes meios de comunicação, no mercado, nas escolas e universidades e pelo Estado. Por isso a importância das organizações, dos grupos nas universidades, das articulações, dos movimentos sociais do campo, levantarem essa bandeira em diálogo e construção com a sociedade.

Classificação e efeitos e/ou sintomas agudos e crônicos dos agrotóxicos

Classificação quanto à praga que controla	Classificação quanto ao grupo químico	Sintomas de intoxicação aguda	Sintomas de intoxicação crônica
Inseticidas	Organofosforados e carbamatos	Fraqueza, cólicas abdominais, vômitos, espasmos musculares, e convulsões	Efeitos neurotóxicos retardados, alterações cromossomiais e dermatites de contato
	Organoclorados	Náuseas, vômitos, contrações musculares involuntárias	Efeitos neurotóxicos retardados, alterações cromossomiais e dermatites de contato
	Piretroides sintéticos	Irritações das conjuntivas, espirros, excitação, convulsões	Lesões hepáticas, arritmias cardíacas, lesões renais e neuropatias periféricas
Fungicidas	Ditiocarbamatos	Tonteiras, vômitos, tremores musculares, dor de cabeça	Alergias, asma brônquica, irritações nas mucosas, hipersensibilidade
	Fentalamidas	-	Teratogêneses
Herbicidas	Dinitroferóis e pentaclorofenol	Dificuldade respiratória, hipertemia, convulsões	Cânceres (PCP – formação dioxinas), cloroacnes
	Fenoxiacéticos	Perda de apetite, enjoo, vômitos, fasciculação muscular	Lesões hepáticas, dermatites de contato, fibrose pulmonar
	Dipiridilos	Sangramento nasal, fraqueza, desmaios, conjuntivites	Lesões hepáticas, dermatites de contato, fibrose pulmonar

Fonte: Dossiê ABRASCO - Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde, 2012.

A Agroecologia

- valoriza e pratica os conhecimentos dos povos camponeses, indígenas e quilombolas;
- promove o uso de ampla diversidade de espécies e raças de animais e de sementes naturais e tradicionais pelas famílias de camponesas. Afinal, os animais e as sementes são um patrimônio dos povos a serviço de toda a humanidade;
- usa as tecnologias avançadas que contribuem para produzir alimentos saudáveis e proteger a natureza;
- contribui para as famílias camponesas permanecerem trabalhando em suas terras e vivendo no campo;
- mostra que é possível plantar e criar animais sem agredir a natureza;
- elimina o uso de agrotóxicos, sementes transgênicas e outros inventos da “revolução verde”;
- cuida da natureza promovendo a fertilidade natural da terra, protegendo as fontes de água e os rios, replantando florestas com plantas nativas, e protegendo os animais silvestres;
- preocupa-se com a saúde de quem trabalha no campo e de quem consome alimentos;
- quer a soberania alimentar de todos os povos e países, como direito de cada nação manter e desenvolver suas formas de produção de alimentos, respeitando a diversidade ecológica;

Fonte: Maria Cristina Vargas, Nívia Regina da Silva, Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (orgs.) De onde vem nossa comida?. Expressão popular. Esse caderninho, lançado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra durante a 1ª Feira Nacional da Reforma Agrária de 2015, chega a sua 2ª edição em março de 2016





Algumas práticas naturais para produção agroecológica

Muitos trabalhadores e trabalhadoras do MST reconhecem que o uso de agrotóxicos traz prejuízos tanto para a saúde humana, quanto para o ambiente e que as práticas da Agroecologia são uma das soluções para esse problema. Essas práticas não agredem de nenhuma forma a natureza, pois se baseiam justamente nela. Foi observando a natureza e como ela funciona, desde o solo, as plantas que nele crescem, os animais que lá vivem e a relação entre tudo isso, que algumas pessoas perceberam que na natureza tudo já é perfeito. As plantas crescem naturalmente, dão frutos e se reproduzem sem precisar de nenhum produto químico para que isso aconteça. Essas pessoas, muito observadoras, perceberam também que o sistema agrícola de cultivar um só tipo de planta (monocultura) em um lote não se parece em nada com o que acontece na natureza e acaba por prejudicá-la, pois não respeita seus ciclos e ritmos. Afinal, em um ambiente natural e equilibrado, plantas de vários tipos crescem todas juntas. Assim é um Sistema Agroflorestal (SAF) ou agricultura sintrópica, onde muitas plantas são cultivadas, uma ajudando a outra no crescimento. Esse tipo de cultivo possibilita que os seres (plantas, fungos, bactérias e animais) vivam de maneira integrada e harmoniosa, de forma a manter um equilíbrio dinâmico e a conservar a energia do sistema. Apesar de ser algo muito natural, plantar dessa forma exige certos cuidados que precisam de uma ajuda técnica. Então, se existe esse interesse em cultivar de forma agroflorestal, antes a pessoa

deve procurar um técnico ou uma técnica da área para ter auxílio.

Uma experiência que vem dando certo dentro do MST é o projeto Semeando Agrofloresta, que conta com a estrutura de viveiros para produção de mudas nativas, cultivadas sem nenhum veneno. O projeto existe em quatro municípios de Minas Gerais, em Uberlândia, Montes Claros, Periquito e Campo do Meio. As mudas são produzidas e doadas para famílias que moram em áreas de reforma agrária, com o objetivo comum de recuperação de nascentes e áreas degradadas. Contudo, as árvores também podem ser utilizadas para fazer cercas vivas e quebra-ventos, formando barreiras protetoras das plantações contra invasão de animais e contra o agrotóxico que chega com o vento de outras plantações. Podem também ser doadas para famílias que queiram cultivar em um SAF ou ser plantadas ao longo de estradas e caminhos para formar corredores ecológicos.

Saiba mais

Você pode saber mais sobre o projeto Semeando Agroflorestas no facebook ou no endereço: soundcloud.com/movimento-sem-terra/semeando-agroflorestas

Existem muitas técnicas agroecológicas que ajudam na produção de alimentos sem precisar usar venenos. São elas as caldas naturais inseticidas e biofertilizantes, práticas de homeopatia, radiestesia, reike, dentre outras. Dentro do MST já existem alguns assentamentos e acampamentos que utilizam desses métodos para cultivar. E esses métodos seguem a lógica do ambiente harmonizado, com todas as espécies de plantas e animais convivendo em harmonia, sem um prejudicar o outro.

No viveiro de mudas do Assentamento Liberdade, em Periquito, no Vale do Rio Doce, se existe algum tipo de inseto na plantação, não é preciso eliminá-lo e sim afastá-lo da planta cultivada, oferecendo outro tipo de planta para ele comer, de preferência aquelas que são mais fáceis para ele digerir.

Outro método muito interessante praticado nesse viveiro é a homeopatia para formigas. A companheira Orlanda Cunha nos relata que, para afastar as formigas das mudas do viveiro,

ela faz calda usando as próprias formigas como ingrediente. Ela nos conta que coloca essa calda nos canteiros para equilibrar as formigas e conversa com elas para que elas se afastem. E isso tem funcionado! Para Orlanda as formigas não são invasoras das plantações, nós é que invadimos e desequilibramos o espaço delas. Então cabe a nós deixar esse ambiente equilibrado e harmonioso.

O Sr. Otelino Dias, do assentamento Nova Conquista II, município de Campo do Meio, Sul de Minas, cultiva uma horta orgânica com uma diversidade muito grande de plantas. Para afastar insetos indesejados da sua plantação ele planta cravinho amarelo, que atrai pequenas joaninhas, que são predadoras naturais dos insetos que gostam de comer sua horta. Assim, ele mantém controlado, de forma natural, esses insetos que infelizmente são chamados de “pragas”.

Algumas famílias também praticam o método de rotação de culturas, ou seja, onde hoje tem uma plantação, amanhã ela é substituída



por outra, diferente da que está plantada atualmente, para que o solo não esgote seus nutrientes e para que insetos não tomem conta do cultivo. Nesse sistema, o solo sempre fica protegido, pois o mato que é roçado, a bananeira, o pé de milho ou de feijão que são cortados, são transformados em palha, que serve para cobrir a terra. Assim, sua umidade é sempre mantida e não corre o risco de se compactar. Além disso, a palha se decompõe, fornecendo nutrientes para o solo e tornando-o mais produtivo, sem precisar de usar fertilizantes químicos.



Importância das árvores

Muitas pessoas pensam que para começar uma plantação, primeiro as árvores devem ser retiradas do local, para “limpar” o terreno. Essa atitude é um engano, pois ao contrário do que as pessoas pensam, as árvores ali trarão inúmeros benefícios para sua plantação. Como muitos já sabem, as árvores têm um papel importantíssimo na natureza. Elas são responsáveis pela produção de oxigênio do ar, então um ambiente com árvores é muito mais puro; protegem o solo contra erosão, ressecamento e compactação; as folhas que dela caem, quando decompostas, enriquecem o solo, tornando ele mais produtivo; dependendo do tipo de planta a ser cultivada próxima a elas, sua sombra irá beneficiá-la, ao invés de prejudicar; as árvores e plantas que vivem em um mesmo local trocam nutrientes entre si através de suas raízes, então uma terra que tem plantas e árvores juntas é muito mais rica; as árvores protegem as nascentes e podem ser usadas para recuperá-las; elas também são muitíssimo importantes no ciclo da água, tendo um grande papel no regime das chuvas de um local; as podas das árvores também são uma fonte muito rica de matéria orgânica para o solo. Como se pode perceber, as árvores são grandes aliadas nossas em uma plantação, não sendo necessário retirá-las para iniciar um cultivo e, em muitos casos, é até interessante plantá-las no lote para que ele possa produzir mais e melhor.



Plantar sem agrotóxico vale a pena!

Uma das lutas do MST é produzir sem veneno. Para o movimento, não há sentido em ocupar uma terra sem que isso seja para o bem de todos. E um bem muito grande e valioso para todos é poder comer alimentos sem veneno.

Muitas famílias do MST já conseguem plantar sem usar nenhum tipo de produto químico, que faz mal para a saúde humana e para o ambiente. No entanto, algumas pessoas ainda utilizam agrotóxicos em suas plantações. O uso do agrotóxico facilita muito o trabalho de pessoas que lidam com a produção. Por isso, muitas delas jogam veneno para matar o mato ao invés de capinar. Batem veneno nos insetos das plantações ao invés de fazer caldas. Com certeza, as pessoas que cultivam sem usar agrotóxicos encontram muitos desafios em seu dia a dia. Esses desafios existem porque o seu trabalho está em todo o processo de produção, desde a capina do terreno, preparo do solo, fabricação de insumos como biofertilizantes, caldas e adubos orgânicos, até a colheita. E nem sempre as famílias que produzem assim possuem um número de pessoas satisfatório para dar conta de todo esse trabalho. É um trabalho árduo, mas mesmo assim, existem casos de resistência e superação, como é o da Dona Ivone, do assentamento Nova Conquista II, que tem uma plantação de café em Campo do Meio, no Sul de Minas. Ela, sozinha, plantou em seu primeiro cultivo de café orgânico, 2500 pés de café e com sua primeira colheita conseguiu construir sua casa. Agora, daqui pra frente, é produzir cada vez mais, pois existem boas

perspectivas de venda do seu café orgânico.

Outro exemplo de resistência é o do Sr. José Geraldo Luís Pereira, do acampamento Eloy Ferreira, lá em Engenheiro Navarro, no Norte de Minas. Durante quatro anos, ele foi empregado em uma fazenda onde plantava usando agrotóxicos, sem proteção alguma. As botas chegavam a ficar encharcadas de veneno e, hoje, ele não tem mais sensibilidade nos pés. Na fazenda, não recebeu nenhum tipo de esclarecimento sobre o mal que plantar assim fazia à saúde. Os sintomas começaram com uma queimação nos pés e nas pernas, tendo que colocar gelo para aliviar. Depois veio a dormência e a falta de equilíbrio para andar. Os médicos diagnosticaram intoxicação por agrotóxico. Quase ficou sem andar. Foi demitido da fazenda por estar assim e não conseguiu mais arrumar trabalho. Hoje, ele perdeu parte da sensibilidade nos pés mas, graças a Deus, tem seu pedaço de terra onde cultiva, junto à sua esposa, sementes crioulas de milho e feijão e são guardiões de um banco de sementes. E sempre que pode conta a sua história para pessoas do Movimento, como um incentivo a plantar sem agrotóxicos.

Já o nosso companheiro Sr. Otelino Dias, lá do Sul de Minas, conseguiu obter o certificado orgânico, que trouxe um reconhecimento do mercado aos seus produtos. Na sua horta ele cultiva com a técnica do sistema agroflorestal e consegue plantar uma diversidade muito grande de produtos como cenoura, coentro, alho poró, repolho, inhame, tomatinho

cereja, jiló, alface, couve, almeirão, pimenta, pimentão, milho, feijão andu, banana, entre outras coisas mais. Nesse sistema, como já vimos anteriormente, as plantas crescem naturalmente, uma ajudando a outra no seu desenvolvimento, assim como ocorre na natureza, e sem ajuda de nenhum agrotóxico. Diferente do sistema de monoculturas, onde um só tipo de planta é cultivada num espaço, o que acaba por trazer diversas consequências ruins para o solo, como o esgotamento de nutrientes, surgimento de insetos indesejados, dentre outros prejuízos.

No Alto Paranaíba, na cidade de Tiros, os moradores do assentamento Quilombo Dandara estão iniciando um banco de sementes crioulas coletivo, que funciona da seguinte forma: se uma pessoa pega emprestado no banco uma quantidade de sementes para plantar, como por exemplo, dois quilos de feijão andu, depois que ela fizer a colheita, devolve o dobro, ou seja, quatro quilos de sementes para o banco. Essa forma de organização é importante para a saúde e beneficia àqueles que não têm a semente para plantar, evitando que comprem sementes da indústria do agronegócio, que são bem

mais caras. Conseguir construir um banco de sementes crioulas é muito importante para quem vive a Agroecologia, pois é uma estratégia de se obter sementes cada vez mais puras, resistentes, sem modificações genéticas e livres de agrotóxicos. Além disso, sementes crioulas produzem plantas de melhor qualidade e mantêm a biodiversidade dos cultivos, proporcionando uma melhor alimentação. O sentido desta prática não é só semear as sementes crioulas, mas semear também a esperança de uma vida mais saudável.

Produzir alimentos sem agrotóxicos, de fato, necessita de maior dedicação e, às vezes, dá vontade de desistir ou de nem tentar. Mas a motivação para produzir assim é a certeza de estar proporcionando saúde para as pessoas e para o ambiente. Pensar que as pessoas não irão adoecer por causa de agrotóxicos e que o ambiente não estará contaminado é a recompensa maior que se pode ter. Esse é o compromisso de quem tem terra pra plantar. É uma forma de agradecer o que a vida e a luta trouxeram: a terra.



Atenção!

Praticar agricultura orgânica só substituindo produtos químicos convencionais por insumos alternativos, ecológicos ou orgânicos nem sempre é uma solução para manter o ambiente equilibrado. É preciso compreender que a simples substituição de agroquímicos por adubos orgânicos mal manejados, pode, inclusive, causar outro tipo de contaminação. Além disso, essa prática deixa o cultivo muito caro, difícil para vender. Por isso, é muito importante a ajuda de um técnico da área para orientar o que usar na sua plantação!

Se você for optar por plantar sem usar agrotóxico é importante observar o seguinte: não adianta ficar sem usar o veneno na plantação se você continuar a plantar do jeito convencional, como por exemplo, cultivando só um ou dois tipos de plantas em um mesmo pedaço de terra. Desse jeito, sem adotar práticas agroecológicas e agroflorestais, você continuará tendo problemas com insetos indesejados, fungos e mato, além de empobrecer o solo. É melhor procurar um técnico da área em seu acampamento ou assentamento para orientar você!



Floriô

Zé Pinto

Arroz deu cacho e o feijão floriô,
milho na palha, coração cheio de amor.
Povo sem terra fez a guerra por justiça
visto que não tem preguiça este povo de pegar
cabo de foice, também cabo de enxada
pra poder fazer roçado e o Brasil se alimentar.
Com sacrifício debaixo da lona preta
inimigo fez careta mas o povo atravessou
rompendo cercas que cercam a filosofia
de ter paz e harmonia para quem planta o amor.
Erguendo a fala gritando Reforma Agrária,
porque a luta não
para quando se conquista o chão
fazendo estudo, juntando a companheirada
criando cooperativa pra avançar a produção.

Sentidos da Agroecologia

O solo é fonte de vida e produz o nosso alimento, que é sagrado. Quando escolhemos uma terra para viver e plantar, ela deve ser harmoniosa, para que possamos produzir alimentos saudáveis e tenhamos uma vida equilibrada, em todos os sentidos. Para que isso aconteça, a terra precisa ser respeitada e, muitas vezes, recuperada do uso de práticas negativas de agricultura convencional. Dentro dessa lógica, a Agroecologia resgata a relação da pessoa com a terra, com a natureza e com conhecimentos tradicionais construídos ao longo dos séculos, favorecendo não somente a produção de alimentos, mas também o cuidado com o ambiente.

Nesse processo de cuidado e recuperação da terra, a agricultura agroecológica causa mudanças também nas formas das pessoas se relacionarem umas com as outras e com o ambiente. Quando a pessoa deixa de ver a natureza só como um recurso e percebe que faz parte dela, muitas modificações em sua vida acontecem.

A Agroecologia possibilita que as pessoas se tornem mais observadoras e sensíveis a várias questões relacionadas com o ambiente e até mesmo com a vida familiar e comunitária. A pessoa passa a se perceber como parte de um todo e que esse todo depende dela e de sua atuação como um ser que valoriza e defende a vida. E esse sentimento de pertencimento a um grupo que defende uma causa que é coletiva, transforma vidas. Há quem era tímido e venceu a timidez... há quem sentia a opressão de uma relação e se libertou... quem era endurecido pela vida na cidade e se tornou mais sensível e afetuoso... há quem sofria de ansiedade, hoje não sofre mais... quem tinha baixa auto-estima, hoje se gosta muito mais. A Agroecologia traz isso consigo: o cuidado, o acolhimento. Quem a pratica cuida e é cuidado, acolhe e é acolhido. Um acolhimento que se expande e se transmuta em expectativa de vida, em esperança, em solidariedade, em dignidade. É a Agroecologia dando sentido à vida... Promovendo saúde!



Mulher Agricultora

(Carmelita Zanella)

Como o verde que brota teimosamente em solo duro.
Tu desperta, querendo presente, querendo futuro.
E na busca és povo, és raça, és certeza!
Na lavoura, na casa, na luta. Mistura de força e coragem
A fibra, a dor, a canção.
Mulher: conheces a enxada, a foice, a semente e do
nascer ao poente escreves a história da planta.
Camponesa, conheces o preço, o imposto e a falta de
pão.
Camponesa, conheces a madrugada, a roupa lavada e o
sofrimento.
Camponesa, conheces o choro da fome, o
desmatamento da alma, ao perder a calma vendo as
injustiças aumentarem.
Sementes de vida nas mãos das mulheres camponesas
Gritas no grito do filho, no desabafo do marido, na
colheita do feijão e do milho.
Gritas denunciando! Desconheces tempo de folga.
Reconheces que o tempo chegou.
Tempo de conquista e de derrubada
Tempo de tirar o joio de plantação
Mulher enfrenta esta opressão, que te tira o direito de
ser livre.
De ser mãe, companheira, mulher.
Reconhece que o tempo é propício.
Tempo de fertilidade, Tempo de gerar esperança e
plantar organização.
Mulher camponesa!
É preciso mais do que nunca gerar tua libertação.



A mulher e a Agroecologia

Como vimos, a mulher vem ganhando cada vez mais espaço no movimento e a Agroecologia tem sido uma forma de promover a emancipação dessas mulheres, de dar força ao seu protagonismo.

Para Fernanda Silva, do assentamento Quilombo Dandara, na cidade de Tiros, Alto Paranaíba, a relação da mulher com a natureza vem desde o surgimento da agricultura, lá na pré-história. Segundo ela, foram as mulheres quem descobriram a agricultura. Outras pessoas também defendem essa ideia, como Monika Von Koss, em seu livro *“Feminino + Masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades”*. Essa autora diz que o desenvolvimento da agricultura só foi possível depois que passou a ser conhecida a função da semente. As plantas que antes eram somente coletadas, passaram a ser plantadas com a descoberta da função das sementes, e isso foi iniciado pelas mulheres. Outros estudiosos concordam em atribuir a invenção da agricultura às mulheres. Como eram elas quem colhiam, passaram a ter um conhecimento das plantas, suas flores e frutos e puderam entender, por essa experiência, o processo de dispersão e germinação das sementes. O passo seguinte foi a semeadura intencional e o cultivo.

Entretanto, ao longo dos tempos, a mulher foi perdendo esse lugar, que historicamente é feminino. A agricultura familiar que se desenhou no percurso da história veio

estabelecendo diferenças entre os papéis de homens e mulheres e os espaços que ocupam.

De acordo com Laura De Biase, em seu trabalho *“A condição feminina na agricultura e a viabilidade da Agroecologia”*, o papel de cada um se relaciona com as atividades produtivas e familiares que desempenham e também com os espaços que ocupam e transformam. Assim, diz-se pertencer ao homem os espaços de fora (a roça, plantação) e à mulher os espaços de dentro (a casa e o quintal). Relaciona-se à mulher o consumo (coleta, alimentação) e ao homem a produção (caça, roçado e mercado). Contrapondo essa perspectiva, Fernanda nos diz que é necessário que as mulheres ocupem além dos quintais, as plantações também, levando a Agroecologia para essa dimensão.

Sob um ponto de vista sociocultural, a Agroecologia vem resgatar o espaço que a mulher possui na produção agrícola. Para além disso, vem resgatar o ‘Sagrado Feminino’ daquela que é provedora da vida: a sua relação com a natureza, com os saberes de seus ancestrais, o seu cuidado com o próximo, sua sensibilidade, sua consciência sobre si mesma.

Para Débora Vieira, do assentamento Sidney Dias, em Campo do Meio, uma mulher que desperta para a Agroecologia se liberta, pois esse é um lugar onde ela pode descobrir e mostrar seu potencial. Ela passa a perceber que é capaz de muita coisa e que ocupa um

lugar muito importante na sociedade. E uma mulher que tem essa consciência, acaba por romper com a lógica da superioridade masculina, que ainda rege nossas vidas.

No MST, apesar de existirem muitos companheiros que apoiam suas companheiras na produção agroecológica, existem ainda aqueles que veem com desconfiança ou até mesmo com um pouco de receio esse novo lugar da mulher no Movimento. Débora Vieira nos diz que se os companheiros conseguem entender como as coisas se organizam na família, sendo parceiros desde a criação dos filhos, até na realização de tarefas domésticas

e valorizando o protagonismo das mulheres na produção agrícola, ambos se libertam de muita opressão.

É preciso que os homens e mulheres sejam companheiros em todas as lutas. E no MST, lutar por uma produção agroecológica é lutar pela saúde, pela natureza, pela vida. O homem tem de ser companheiro nessa luta também! E essa luta não pode ser de poucos e sim de todos aqueles que valorizam a vida!

“Sem feminismo não há Agroecologia!”



A still life photograph of fresh produce. In the foreground, there are several red tomatoes and a bunch of green leafy herbs. Behind them, there are several brown, knobby root vegetables (possibly tubers) and some packaged goods, including a bag of coffee labeled 'Café da Mão'. The items are arranged on a blue tablecloth with a white and red floral pattern. The background is a light-colored, textured wall.

Como vimos, para termos saúde, precisamos cuidar do nosso ambiente. O texto a seguir traz a discussão do saneamento no campo, sua importância para a saúde e sua relação com a Agroecologia.

Sem medo de ser mulher

(Zé Pinto)

Pra mudar a sociedade
Do jeito que a gente quer
Participando sem medo
De ser mulher.(2X)

Por que a luta não é só dos companheiros
(Participando sem medo ser mulher).

Pisando firme sem medir nenhum segredo
(Participando sem medo ser mulher).

Pois sem mulher a luta vai pela metade
(Participando sem medo ser mulher).

Fortalecendo os movimentos populares
(Participando sem medo ser mulher).

Na aliança operária e camponesa
(Participando sem medo ser mulher).

Pois a vitória vai ser nossa com certeza
(Participando sem medo ser mulher).

Saneamento para as populações do campo, das águas e das florestas

Como é bom ter a nossa terra, o nosso pedaço de chão, nosso assentamento! Um lugar para construir um lar, se dedicar à família, fazer futuro! Um bem tão precioso precisa ser cuidado! E quando falamos de cuidado, pensamos logo em saúde. Mas como manter nossa terra, nossa casa, nossa produção, nosso canto saudável? Para responder

a essa pergunta, precisamos pensar em questões como: onde joga meu lixo? Para onde vai meu esgoto? Como é a qualidade da água que eu consumo? De onde vem a água que uso pra molhar minha horta? Tudo isso está relacionado ao que chamamos de saneamento básico.





Você sabe o que é saneamento básico?

De acordo com a Política Federal de Saneamento Básico, instituída pela Lei nº 11.445/2007, saneamento básico implica um conjunto de serviços, infraestruturas e instalações operacionais de: abastecimento de água potável (água para consumo); esgotamento sanitário (água do banho, da pia, do vaso sanitário e outros); manejo de resíduos sólidos (lixo); manejo das águas pluviais (água de chuva).

A população do campo, floresta e água, incluindo quem mora em áreas de reforma agrária, não tem acesso aos serviços de saneamento básico, ficando exposta a uma série de agravos à saúde. O esgoto não tratado pela comunidade pode contaminar a terra e os alimentos que consumimos; o lixo não manejado de forma adequada contribui para a proliferação de insetos, como moscas, mosquitos e baratas, o que pode aumentar a transmissão de doenças.

Para se ter uma ideia da importância do saneamento básico para saúde, listamos alguns exemplos dos seus efeitos:

- água de boa qualidade para o consumo humano e seu fornecimento contínuo assegura a redução e o controle de: diarreias, cólera, dengue, febre amarela, hepatites, conjuntivites, poliomielite, escabioses, leptospirose, febre tifóide, esquistossomose e malária;

- coleta regular, acondicionamento e destino final adequado dos resíduos sólidos diminuem a incidência de casos de: peste, febre amarela, dengue, toxoplasmose, leishmaniose, cisticercose, salmonelose, teníase, leptospirose, cólera e febre tifoide;

- esgotamento sanitário adequado contribui para a eliminação de vetores que transmitem: malária, diarreias, verminoses, esquistossomose, cisticercose e teníase;

- melhorias sanitárias domiciliares estão diretamente relacionadas com a redução de: doença de Chagas, esquistossomose, diarreias, verminoses, escabioses, tracoma e conjuntivites.

- água limpa é importante para a produção de alimentos saudáveis.

Dessa forma, para preservar, promover e manter a saúde é fundamental o acesso a serviços de saneamento básico. A Lei 11.445/2007, tem como uma de suas diretrizes a garantia de meios adequados para o atendimento da população rural dispersa, mediante a utilização de soluções compatíveis com suas características econômicas e sociais, que, por sua vez, são muito específicas. Na verdade, é importante pensar e elaborar soluções efetivas de acordo com as características de cada território (como o clima, o tipo de solo, a declividade do

terreno, a existência de fontes de água, etc) e com as necessidades das pessoas que circulam nesses locais. Para falar sobre essas questões, ninguém melhor que as pessoas que vivem nos territórios. Por isso é tão importante que essas soluções sejam pensadas e discutidas de forma coletiva.

Muitos moradores do campo procuram soluções para o saneamento básico em suas terras com base nos conhecimentos que trazem de sua vivência no campo e também que aprenderam com seus antepassados. São conhecimentos muito valiosos e que, aliados a técnicas simples, podem resultar em alternativas eficazes (veja box na página 56), como a produção de filtros artesanais, compostagem, banheiro seco, fossas sépticas, círculo de bananeira, sistemas para aproveitamento de água pluvial (água de chuva), dentre outros. O desafio é tornar esses conhecimentos acessíveis a todos, para que qualquer um possa produzir e reproduzir.

Nesse sentido, o Setor de Saúde do MST tem procurado promover nos assentamentos e acampamentos o que chamamos de saneamento ecológico, que une técnicas como as descritas acima a outras, numa tentativa de fazer saneamento de maneira ecológica,

ou seja, pensando no meio ambiente, na sua proteção e sustentabilidade.

O saneamento ecológico caminha junto com a Agroecologia. Não é possível, por exemplo, pensar em qualidade da água sem discutir o uso do agrotóxico, que envenena o solo, os rios, as águas subterrâneas. Não é possível produzir alimentos saudáveis se continuamos utilizando venenos que contaminam o ambiente.

Quem une as duas práticas sabe, por exemplo, que dando o destino adequado ao lixo e fazendo sua compostagem, além de deixar o ambiente limpo, também terá um ótimo adubo natural para a plantação. Sabe que, construindo uma fossa de forma correta e no local certo, não há riscos de contaminação da água de consumo e de irrigação.

Já sabemos também que plantações em sistemas agroflorestais colaboram para a manutenção da água nos ambientes, preservando o solo e as nascentes, garantindo a manutenção de ciclos d'água e de vida no local. Contrariamente, os sistemas de irrigação para áreas de monoculturas retiram água de rios, lagos e outros tipos de coleções d'água, de forma não sustentável, muitas



vezes prejudicando o abastecimento de água local ou até mesmo secando os mananciais.

Por isso, existe hoje no Setor Saúde do MST um esforço para sensibilizar acampados e assentados, no sentido de promover e apoiar a construção coletiva de espaços saudáveis e a sustentabilidade socioambiental, a partir da troca de saberes, do resgate de técnicas tradicionais e da construção de conhecimentos que sejam capazes de trazer autonomia aos assentamentos e acampamentos. E a mulher, nesse contexto, tem um papel importantíssimo, pois é ela quem vem trazendo a bandeira da saúde e da Agroecologia no MST, movimentando todos esses saberes e tradições, tão fundamentais para a construção e consolidação de conhecimentos. Também é ela, que no início de

uma ocupação, ajuda a pensar e, muitas vezes, até assume a orientação sobre o saneamento na área ocupada. Assim, ao se formar um acampamento, existe a preocupação com a alimentação e com a saúde das pessoas que lá viverão e desses alimentos serem saudáveis e cultivados de forma sustentável, garantindo a saúde do meio ambiente. E para ter um ambiente saudável, livre de qualquer coisa que traga doenças e desequilíbrio, é preciso também pensar em um saneamento que dê conta de garantir essas condições. A mulher do MST, nesse contexto, especialmente aquela do Setor de Saúde, tem como um de seus papéis, articular a Agroecologia e o saneamento, na tentativa de se obter um ambiente saudável e equilibrado nos acampamentos e assentamentos.

“É um processo, né? Conforme a gente vai fazendo o trabalho de base e chamando as pessoas pra fazer a Agroecologia, nós vamos incentivando as pessoas a fazer o saneamento ecológico. A gente há algum tempo vem discutindo a saúde integrada à Agroecologia. Eu mesma crio gado, tenho lavoura diversificada, mandioca, carneiros, galinha, porco. Então a gente tá discutindo em casa. Tem algumas práticas que a gente está começando a elaborar, como o Círculo de bananeira.” Kely Gomes Soares – moradora do Acampamento Terra Prometida, em Felizburgo.

“Não basta dizer que não pode [usar agrotóxico], a gente tem que estar convencido de que isso prejudica o meio ambiente, a nossa vida, a nossa saúde. O nosso projeto é um projeto de vida, né? E se é um projeto de vida, nós temos que conviver com a natureza, com o que tá aí.” Vânia Maria - moradora do assentamento Liberdade, em Periquito.



O que é o Programa Nacional de Saneamento Rural?

Pensando em melhorar a situação de saneamento das populações do campo, das florestas e das águas, está sendo construído o Programa Nacional de Saneamento Rural, o PNSR, que tem como objetivo promover o desenvolvimento de ações de saneamento básico a essas populações, de forma a garantir a universalização do acesso através do fomento e da execução de ações que garantam:

- equidade;
- integralidade;
- intersetorialidade;
- sustentabilidade dos serviços implantados;
- participação e controle social.

A proposta do Programa leva em conta a compreensão das características de cada tipo de população bem como as necessidades e realidades encontradas em cada uma dessas comunidades nas diferentes regiões brasileiras. Dessa forma, ele vem sendo construído desde 2015, a partir do conhecimento dos territórios e da escuta da população residente.

Assim, será possível construir um programa que melhore as condições de infraestrutura sanitária, que faça inclusão social e que articule

saneamento com políticas públicas como saúde, recursos hídricos, habitação, igualdade racial e meio ambiente. O Programa está sendo construído em três eixos estratégicos, que se integram e dialogam entre si:

- componente tecnológico: identifica soluções, de natureza coletiva ou individual, para abastecimento de água, esgotamento sanitário, manejo de resíduos sólidos e o manejo de águas pluviais;
- educação popular e participação social: promove a sensibilização dos usuários sobre seus direitos e deveres, bem como a forma de alcançá-los. Viabilizam apoio técnico e pedagógico qualificados aos operadores de serviços e proporcionam a qualificação dos gestores técnicos e administrativos, considerando as especificidades locais, ao serem adotadas metodologias pedagógicas adequadas a cada situação;
- gestão e sustentabilidade dos serviços através do controle social: abrange o planejamento, a regulação, a fiscalização, a prestação de serviços e o controle social sobre essas funções. Pressupõe o atendimento da população, com segurança e efetividade, pelo poder público, com medidas promotoras de saúde e salubridade ambiental.

Como o PNSR ainda está em construção,

você, trabalhador rural, precisa ficar atento a esse processo para garantir que as suas demandas sejam ouvidas e atendidas pelo programa! Que tal procurar saber se alguém do seu assentamento ou acampamento está

acompanhando a elaboração do Programa? Como está a mobilização social e a articulação política no seu território para os assuntos de saneamento?

Algumas tecnologias sociais de saneamento

As tecnologias sociais são produtos, métodos, processos ou técnicas que podem ser utilizados para resolver desafios sociais, como aqueles que vemos por aí em nosso país: falta de saneamento básico, privação do acesso à água potável, entre outros.

Filtros artesanais - não requer o uso de nenhum produto químico para produção de águas menos corrosivas. Em geral, é um sistema simples e barato, criado para filtragem lenta da água a partir da gravidade.

Compostagem - processo biológico que transforma a matéria orgânica, como estrume, folhas, papel e restos de comida, em adubo.

Banheiro seco - alternativa ao banheiro comum que, ao invés de água, usa matéria orgânica seca para cobrir fezes e mantê-las secas, evitando o mau cheiro e produzindo composto orgânico com o material fecal acumulado.

Fossas sépticas - construção de cimento ou alvenaria que represa o esgoto para que ele seja consumido por bactérias, purificando a água vinda do vaso sanitário para devolvê-la ao meio ambiente com o mínimo de qualidade. A fossa séptica separa líquidos de elementos mais densos do esgoto e é composta por três tanques: o de decantação, onde são decantados (separados) os resíduos para que a parte sólida se deposite no fundo e sofra decomposição, o de filtragem, que filtra o líquido separado, e o sumidouro, que recebe o líquido já filtrado para devolvê-lo ao meio ambiente.

Círculo de bananeira - tecnologia apropriada para destinação das águas cinzas (água da cozinha, lavagem de roupa e banho). Trata-se de um buraco escavado e preenchido por material orgânico, onde é cultivado, em seu entorno, bananas e outras plantas com altas taxas de evapotranspiração, que é a perda de água da planta por transpiração.

Captação de água de chuva - construção de reservatório para captar a água da chuva e permitir a sua reutilização para abastecimento de vasos sanitários, torneiras e mangueiras usadas para fins não potáveis. O sistema mais comum capta a água do teto da casa, através de calhas, que a direcionam para canos e, em seguida, a levam até o reservatório.



O texto a seguir ilustra, através de uma história baseada em fatos reais, como a Vigilância em Saúde pode atuar nos territórios rurais, na promoção à saúde e na resolução de problemas, de maneira participativa, junto à população.

Canção óbvia

Paulo Freire

Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens.
Suarei meu corpo, que o sol queimará,
minhas mãos ficarão calejadas,
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos,
meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera é um
tempo de que fazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso, esperar, na forma em que esperas,
porque esses recusam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,
antes te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.

Vigilância e promoção à Saúde para a população do campo

Você conhece a história do SUS? O SUS, Sistema Único de Saúde, surgiu em meio à luta pelo fim da ditadura militar no país. Com o lema “Saúde é democracia”, movimentos sociais, movimentos estudantis, universidades e muitos outros atores se uniram para lutar pela democracia e por uma nova forma de ofertar ações de saúde para o povo brasileiro.

Alguns de nós vão se lembrar que, antes da criação do SUS, apenas os trabalhadores que tinham carteira assinada e que contribuíssem para a Previdência Social tinham direito a consultas e exames para cuidar da saúde. Os demais, ou pagavam por este serviço ou o recebiam por meio de ações de caridade. Para o povo camponês o Estado tinha como política pública de saúde a oferta de vacinas para controle de doenças. O SUS nasceu então, a partir da constituição de 1988, em meio a esta luta social e traz consigo um conceito ampliado de saúde e a premissa de que saúde é dever do Estado e direito do cidadão.

A Lei Orgânica da Saúde, conhecida como Lei 8080 de 1990, que trata da organização e funcionamento do SUS, define que suas ações e serviços devem ser orientadas por três princípios fundamentais:

- **Universalidade:** é a garantia de que o acesso às ações de saúde é direito de todas as cidadãs e cidadãos brasileiros.
- **Integralidade:** é a garantia de que todos os serviços que o SUS oferta devem

atender às necessidades de saúde da população, por meio de ações de promoção da saúde, prevenção de doenças e proteção e recuperação da saúde, levando-se em conta a autonomia e a diversidade cultural e social das pessoas e populações.

- **Equidade:** este princípio leva em consideração as desigualdades e diferenças entre populações, reconhecendo a pluralidade da condição humana e suas diferentes necessidades. Ou seja, toda e qualquer pessoa, de qualquer grupo social ou população tem direito a tratamento igualitário nos serviços de saúde, levando-se em conta sua história e seu contexto social.

A Lei Orgânica define ainda que para se ter saúde não basta pensar em estar ou não doente. Viver com saúde inclui ter acesso à alimentação saudável, boas condições de moradia, ao saneamento básico, ter o meio ambiente saudável, boas condições de trabalho e renda, acesso à educação de qualidade, poder fazer uma atividade física, ter acesso ao transporte, ao lazer e aos bens e serviços essenciais. Então, ter saúde é usufruir de uma série de coisas e não apenas estar ou não doente. Assim, o SUS, além de ofertar serviços que cuidam das pessoas quando estão doentes, também cuida da prevenção destas doenças e da promoção da saúde.

A Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo, da Floresta e das



águas é uma conquista recente que tem como objetivo promover a saúde das populações do campo, da floresta e das águas, por meio da garantia do acesso aos serviços de saúde, com resolutividade, qualidade e humanização. Para colocar em prática esta Política, o documento define quatro eixos de atuação:

1. o acesso das populações do campo, da floresta e das águas aos serviços de qualidade, atendendo suas reais necessidades de saúde;
2. o desenvolvimento de ações de promoção e vigilância em saúde dessas populações;
3. o desenvolvimento de ações de educação popular e educação permanente em saúde com foco nessas populações e
4. o desenvolvimento de ações de monitoramento e de avaliação do acesso da população do campo, floresta e das águas aos serviços de saúde.

Entre estes quatro eixos, vamos abordar de forma mais aprofundada o eixo que trata da vigilância e promoção da saúde, tema discutido por nós na “Oficina de Vigilância e Promoção da Saúde em Áreas de Reforma Agrária”. Por que é importante falarmos da vigilância à saúde da população do campo?

A vigilância em saúde é importante porque a base de seu trabalho é o reconhecimento dos territórios e da situação de vida das populações, o que permite aproximar de um diagnóstico da situação de saúde das pessoas e dos problemas lá encontrados. Assim, o trabalho da vigilância em saúde consiste num processo contínuo de coleta, análise e disseminação de dados e informações sobre a situação de saúde de determinado local.

Quando pensamos na saúde da população do campo, a gente logo identifica diversas situações e fatores de risco que podem influenciar a condição de saúde dessas pessoas e provocar sofrimento, adoecimento ou até mesmo a morte. As pessoas que vivem no campo e de modo particular, as pessoas que vivem em áreas de assentamento e acampamento, estão expostas ao sol quente, à chuva, aos animais peçonhentos, aos acidentes com máquinas, à possibilidade de intoxicação pelo uso de agrotóxicos, além de estarem expostos às violências relacionadas aos conflitos pela posse da terra.

Essas são somente algumas situações relacionadas ao modo de vida e de trabalho desta população que podem influenciar sua condição de saúde. As ações de vigilância em saúde, desenvolvidas no SUS, podem nos ajudar a identificar os riscos e situações de vulnerabilidade e desenvolver soluções para diminuí-los ou eliminá-los. Para isso, a vigilância em Saúde se organiza em algumas áreas:

- **Vigilância epidemiológica:** faz a identificação e prevenção de doenças e agravos à saúde e seus fatores de risco; elabora estudos e normas para as ações de saúde; reconhece as principais doenças de notificação obrigatória e investiga epidemias que ocorrem em territórios específicos; age no controle de doenças específicas realizando ações de vacinação e a vigilância das infecções sexualmente transmissíveis.
 - **Vigilância ambiental:** busca o conhecimento, a identificação e a prevenção de mudanças nos fatores determinantes e condicionantes do meio ambiente que interferem na saúde humana, realizando as
- 

ações de vigilância, prevenção e controle de zoonoses (doenças típicas de animais que podem ser transmitidas ao ser humano) e de doenças transmitidas por vetores, além da prevenção de acidentes por animais peçonhentos e venenosos. Também realiza a vigilância das populações humanas expostas aos contaminantes ambientais na água, no ar e no solo, como os agrotóxicos, bem como dos riscos decorrentes dos desastres naturais, acidentes com produtos perigosos, e outros eventos capazes de causar doenças e agravos à saúde humana.

- **Vigilância em saúde do trabalhador:** se encarrega de um conjunto de ações com o objetivo de identificar, conhecer, pesquisar e analisar os fatores determinantes e condicionantes da saúde relacionados ao trabalho. Ela cuida da proteção e promoção à saúde e a diminuição dos riscos de acidentes de trabalho, morte e adoecimento. Auxilia na proteção e na recuperação da saúde da população trabalhadora.

- **Vigilância sanitária:** tem a função de garantir a qualidade e a segurança de todos os bens, produtos e serviços consumidos

pela população. No caso de bens e produtos, o controle e a fiscalização acompanham desde a etapa da produção até o consumo. Então, a vigilância sanitária cuida dos alimentos, medicamentos, cosméticos, serviços de saúde, dentre outros. É ela que age, por exemplo, para que os alimentos que consumimos não estejam estragados. Quanto aos serviços, a vigilância sanitária acompanha hospitais, restaurantes, salões de beleza, enfim, todo estabelecimento que oferta serviços que impactam a saúde da população.

O trabalho entre essas vigilâncias deve ser articulado com outros serviços de saúde, para que possam desenvolver ações de promoção e proteção da saúde, prevenção de riscos, doenças e agravos.

Para entendermos um pouco mais sobre o papel da vigilância em saúde dentro do SUS e como as pessoas podem se aproximar dela para resolver determinados problemas de uma comunidade, vamos acompanhar o caso a seguir, que também mostra como o cidadão e a cidadã podem ocupar espaços de discussão para formulação de propostas e reivindicações para melhorias na Saúde.





Um entre tantos casos

Morena, Seu Joaquim e os cinco filhos moram no assentamento Quilombo Dandara na região do Alto Paranaíba. O assentamento é rodeado por monoculturas de milho do agronegócio. Para produzir, o agronegócio utiliza pequenos aviões que soltam um pozinho de veneno que combate as pragas. Como o assentamento está ali do lado, o tal pozinho acaba caindo nas casas dos moradores e nas plantações deles também. O povo todo já reparou que desde quando começaram a usar o tal pozinho, quase toda vez que o avião passa, aparece depois aquela dor de cabeça chata, o olho arde e começa a coceira na pele. Nada muito intenso, mas que não deixa de incomodar. Outra característica da região, é que para irrigar toda a extensa plantação são usadas bombas que retiram água de um pequeno córrego que passa pela região. A força das máquinas é tão grande que o córrego virou quase um filete. É deste córrego que as mulheres acampadas retiram água em baldes, levados na cabeça e nos braços, para matar a sede da família, dos bichos e da plantação. Parece que a água do córrego não está lá muito boa. Há um gosto estranho quando se bebe e é possível ver partículas flutuando no copo. Há ainda que se contar que, durante toda a noite, as máquinas retiram a água do córrego para irrigar a plantação e o barulho delas é extremamente incômodo, pois é alto e desagradável.

Seu Joaquim trabalhou muitos anos nas fazendas da região. Para matar a lagarta do milho e outras pragas, ele usava um agrotóxico chamado paraquate. Ele começou a ter tremor

nas mãos há algum tempo. Apareceram também problemas na memória. Atualmente, Seu Joaquim tem movimento lento, rigidez e perda de equilíbrio. Morena nos conta que foi muito difícil começar o tratamento no SUS. Era uma dificuldade sair do assentamento e ir até o posto para ser consultado. Quando conseguiam ir, ora mandavam voltar porque chegaram fora do horário do acolhimento, ora conseguiam a consulta e se sentiam mal tratados e diminuídos por serem sem terra. Também encontravam dificuldades de acesso e de compreensão quando precisavam fazer exames ou ir a médicos que atendiam em outros locais que não o posto de saúde. Era difícil ter dinheiro para chegar a estes locais. Era difícil entender tantas regras, horários e o tamanho do tempo de espera. Isso sem falar da dificuldade de fazer os exames em outras cidades. Como se deslocar? Como arcar com passagem, alimentação, hospedagem? Uma vez Seu Joaquim precisou ficar internado e eles passaram um susto: ouviram falar que uma tal vigilância sanitária encontrou problemas graves no hospital e que, se não resolvidos, poderia ser fechado!

A saúde de Seu Joaquim não estava boa. E a situação em casa era difícil. Apesar dos esforços organizativos que o Movimento fazia, vender os quitutes e os legumes que plantavam era muito custoso. Morena fazia mingau e pamonha para vender. Propôs às demais companheiras que, juntas, produzissem em grande quantidade para vender em algum bar ou lanchonete. Mas, Eva, uma companheira

recém integrada ao MST comentou que isso era complicado. Que, por experiência própria, era muita burocracia conseguir autorização para vender produtos alimentícios. Ela disse que tem um tipo de polícia que regulamenta e fiscaliza os produtores de alimentos e que o caminho para conseguir autorização era longo. A venda das abóboras, do arroz e do feijão produzidos também não estava boa. Os comerciantes da cidade queriam pagar uma pechincha pelos produtos e o prefeito da cidade mais próxima cobrava um “aluguel” de 600 reais por mês por uma barraquinha na feira de rua, que acontecia uma vez por semana! No assentamento ninguém passava fome, pois plantavam de tudo, uma grande variedade e sempre tinham o que comer. Mas, para ter dinheiro e comprar outros itens necessários para a família, como roupa e remédio, o jeito era o homem trabalhar na rua. Seu Joaquim, pela sua condição de saúde, não trabalhava mais na rua. Quem estava se aventurando por lá era o filho mais velho, Jonatas. Um dia, ao aplicar um determinado veneno na plantação, o rapaz sentiu muita dor nos olhos, a visão ficou ruim, sentiu também o peito apertar, vomitou muito e ainda estava com chiado e dificuldade para respirar. Ao chegar em casa, foi orientado a tomar bastante leite e repousar. Isso ajudaria a melhorar. Desconfiado, o rapaz seguiu as instruções, mas decidiu também procurar o posto de saúde. Morena, que integrava o setor saúde do assentamento, foi com o filho procurar ajuda no posto. Conseguiram passar no médico que rapidamente receitou algumas medicações e não deu maior importância. Morena insistiu com o doutor na relação entre o uso do veneno e o adoecimento de Jonatas. O médico ouviu tudo, mas não disse nada. A relação entre trabalho-agrotóxico-adoecimento não pareceu na fala do médico. Morena pediu para ver a ficha de atendimento de Jonas, mas lá também não

tinha nada escrito sobre o agrotóxico. Ela ficou curiosa porque já tinha ouvido falar que esses casos tem que ser notificados para uma tal de Vigilância. A luta agora era outra, tentar conseguir as medicações que o médico receitara no próprio posto de saúde.

Voltaram para o assentamento e aquela situação toda, aquela vida de todo dia, não saía da cabeça de Morena. Conseguir consulta e remédio, vender a produção e garantir o pão de cada dia, ver o córrego morrendo, se acabando, dia após dia, enfrentar a “cara feia” dos empresários e fazendeiros do agronegócio que rondavam e ameaçavam as companheiras e companheiros do assentamento... A vida era dura e era bela, ao mesmo tempo. Desistir, não podia.

Morena ficou pensando sobre tudo que aconteceu e quis saber mais. Pensou em como isso sempre ocorre com os companheiros e companheiras, com os vizinhos, os conhecidos e pouca coisa é feita. No posto tem pouca estrutura para atender quando o caso complica e começa outra vez a fadiga de exames, medicação, consulta em outra cidade.

Decidiu ir em busca desta tal Vigilância para entender o que podia ser feito em relação ao adoecimento do povo que trabalha usando agrotóxico. Foi no posto de saúde e a equipe disse que a Vigilância trabalhava com muitas coisas, desde vacinas, o controle de mosquito da dengue, até a qualidade da água, e orientou Morena a procurar a Secretaria Municipal de Saúde para saber mais sobre a equipe de vigilância.

Chegando lá, encontrou Aparecida, que já era velha conhecida na cidade e, desde muito tempo, passava nas casas buscando barbeiros, que causavam doença do coração, vacinando os cachorros nos bairros, buscando soro para



o povo que era picado por cobra no mato. Aparecida explicou para Morena que ela era da Vigilância em Saúde, e que no Sistema Único de Saúde (SUS) tem atendimento no posto, no hospital, mas também tem muito mais coisa sendo feita para tentar evitar que as pessoas adoçam e que é esse, um dos objetivos mais importantes da Vigilância.

Aparecida contou que ali tinha pouca gente para muito trabalho. Nesse serviço estavam somente ela e Valdir. Ela na parte de Vigilância Epidemiológica, Ambiental e Saúde do Trabalhador e Valdir com a parte de Vigilância Sanitária, mas Morena quis saber mais, porque não entendia bem o que era tudo isso, para poder ajudar a resolver os problemas de saúde do povo no assentamento. Então Morena explicou um pouco do que estava acontecendo em sua família; com Joaquim doente e agora Jonatas dando esse susto, depois de aplicar agrotóxico na roça; os aviões dos fazendeiros que passam jogando o pozinho de veneno nas plantações e nas casas dos acampados e de todos os vizinhos; a falta e a dificuldade para buscar água boa para beber, depois que as bombas foram colocadas no córrego; também contou como estava difícil vender a produção, sem lugar para expor os produtos e quitutes feitos no assentamento, o que complicava cada vez mais a vida, deixando povo sem alternativa.

Aparecida ouvindo tudo aquilo pensou que muita coisa poderia ser feita, mas não era tarefa fácil. Explicou à Morena que a Vigilância tinha muito a contribuir para a busca de soluções para os problemas relatados, mas era uma equipe muito pequena, então seria necessário pensar juntas nas possibilidades de ação.

Para entender o que fazer, Aparecida disse que era importante saber mais sobre a situação

do assentamento e do povo do campo e sugeriu que Morena levantasse os principais problemas de saúde que os companheiros e companheiras do assentamento tinham, os problemas com o ambiente, terra, água e ar; quem estava trabalhando com agrotóxico, há quanto tempo, onde, como e com que agrotóxico.

Morena que sempre foi mulher de movimento e mobilização pensou que reunir o povo para essa discussão seria uma boa ideia. Então chamou todos do assentamento, falou um pouco da conversa com Aparecida e decidiram ali em reunião, que junto ao Setor de Saúde do movimento iriam fazer esse levantamento e apresentar as demandas, percepções e problemas para a equipe de Vigilância em Saúde.

Aparecida ficou impressionada com o poder de organização e mobilização do movimento, mas também ficou assustada com as demandas apresentadas, tanto pela quantidade como pela complexidade. E ficou claro que sozinha a equipe de Vigilância do município não tinha condições de atender e resolver todos os problemas.

Aparecida chamou os parceiros da **regional de saúde** junto com o **Conselho Municipal de Saúde** para uma conversa para que, assim, apresentassem como está organizada a rede pública de saúde, explicando como são os

As Superintendências e Gerências Regionais de Saúde têm por finalidade garantir a gestão e organização do Sistema Estadual de Saúde nas regiões do Estado, apoiando e assessorando os municípios para assegurar a qualidade de vida da população.

fluxos de atendimento que começam no postinho do município e podem chegar até a um hospital na cidade grande ou na capital, dependendo da gravidade e necessidade do caso. Não foi uma reunião fácil, Morena sentiu resistência e aquele preconceito que sempre está presente por serem Sem Terra. Mas enfrentaram as dificuldades e Aparecida ajudou, reafirmando a importância de estarem ali e promovendo o espaço para que os trabalhadores de saúde do SUS escutassem todas aquelas questões que os Sem Terra estavam vendo e vivendo no dia a dia do assentamento.

Então, juntos, pensaram quais passos poderiam ser dados e quem chamar para pensar coletivamente e apontar alternativas. Os profissionais de saúde do posto e dos outros serviços do município falaram das dificuldades em reconhecer os problemas de saúde relacionados à exposição ao veneno e já de imediato pediram para que fosse feita uma capacitação em que eles aprendessem como prevenir e tratar as doenças e envenenamentos ou intoxicações causados pelo uso de agrotóxicos. Aparecida lembrou da importância dos trabalhadores Sem Terra fortalecerem a Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, a **CISTT**, que poderia ser formada no município

→ A CISTT é uma Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, estabelecida no Artigo 12 da Lei Orgânica da Saúde 8.080, de 19 de setembro de 1990. Ela tem o propósito de assessoramento dos conselhos de saúde nos assuntos de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora. Portanto, é uma instância de controle social na saúde para discussão e desenvolvimento de ações relacionados a SAÚDE DO Trabalhador. Sua instalação é OBRIGATÓRIA e indispensável em todos os conselhos de saúde. A CISTT tem a finalidade de articular políticas e programas de interesse para a Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, em que a execução envolva ou não áreas compreendidas do Sistema Único de Saúde – SUS, mas que cuidam ou trabalham conjuntamente com a Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora, nos municípios, regiões ou estados.

como espaço permanente para discutir e apontar soluções aos problemas da saúde dos trabalhadores. Também já combinou com a equipe da regional de saúde sobre as ações de orientação e vigilância no assentamento

Os conselhos municipais, formados por representantes da Prefeitura e da sociedade civil (povo), contribuem para a definição dos planos de ação da cidade, através de reuniões periódicas e discussões. Cada conselho atua de maneira diferente, de acordo com a realidade local e com a sua especificação. Dentre as suas atribuições inclui-se a defesa dos direitos dos cidadãos.

→ Os conselhos funcionam como organização capaz de estreitar a relação entre o governo e sociedade civil a partir da participação popular em conjunto com a administração pública nas decisões regentes na sociedade. Um exercício de democracia na busca de soluções para os problemas sociais, com benefício da população como um todo.

e fazendas dos arredores para prevenir os riscos de intoxicação por exposição aos agrotóxicos. Morena lembrou outra vez do problema da água, da contaminação da terra e do ar e na reunião decidiram chamar os órgãos ambientais junto com o pessoal da saúde para definir o que poderia ser feito.

Sobre a questão da produção e venda dos produtos, Valdir, que trabalha na Vigilância Sanitária contribuiu na prosa, explicando que, desde 2013, existe um projeto de Inclusão Produtiva com Segurança Sanitária. Esse projeto tem o objetivo de atuar junto aos empreendimentos de baixa renda - **microempreendedor individual, agricultor familiar e empreendimento de economia solidária** para que eles possam ter seu alvará sanitário de forma mais simples, sem tanta exigência e papelada, com menos burocracia, mas tudo com responsabilidade, sem descuidar da segurança sanitária que é importante tanto para quem produz, como para quem vai comprar os produtos. Valdir pediu que Morena reunisse todas as pessoas do assentamento que produzem algum tipo de alimento para vender e o procurasse na secretaria municipal para ele explicar direitinho o que eles tinham que fazer. Morena ficou animada com a possibilidade de regularizar os alimentos produzidos no assentamento e poder vendê-los na cidade. Assim, o povo recuperaria o ânimo para cuidar da roça e continuar a fazer os quitutes sem precisar trabalhar aplicando veneno para os fazendeiros da região.

Não é fácil ousar lutar, mas é a alternativa do povo que segue em frente e quer um outro modo de viver mais coletivo e humano. Com tudo isso Morena reafirmou um dos princípios da resistência sem-terra, que é a auto-organização do movimento, que coloca em ação também outros grupos, setores e

→ Existe uma norma da vigilância sanitária, a Resolução-RDC nº 49, de 31 de outubro de 2013 que fala sobre a regularização das atividades do microempreendedor individual, do empreendimento familiar rural e do empreendimento de economia solidária.

instituições. Que isso é a força, a potência que faz as coisas acontecerem... Refletindo na reunião do assentamento, junto com o povo todo reunido, reafirmaram a palavra de ordem *“quem sabe mais luta melhor”*. Buscaram saber mais, conhecer coisas que novas e se abriram outras possibilidades. Mas também aumentaram os desafios e o entendimento de que o que queriam e precisavam não seria conquistado se mudanças maiores não ocorressem. Assim, mudar o estado de coisas que nos oprime e explora, ameaçando o viver é tarefa de todo dia. A necessidade da luta cotidiana pela garantia dos direitos se apresentava mais uma vez como fundamental e assim a palavra de ordem *“saúde é luta”* se enche de sentido.

Agora que sabemos um pouco mais sobre as áreas da Vigilância em Saúde e todos os caminhos que podemos percorrer para cuidar da nossa saúde, podemos nos fazer algumas perguntas. Como a Vigilância em Saúde está organizada em seu município? Como ela tem trabalhado? Que espaços podemos ocupar para intensificar o diálogo sobre o adoecimento das pessoas e do ambiente?

A partir da reflexão sobre o caso apresentado e com essas perguntas queremos provocar o diálogo sobre parceiros que podemos fazer e que nos apoiam na luta pela construção da saúde das pessoas e do ambiente. Por

exemplo, o pessoal da vigilância sanitária está muito preocupado com a questão do uso dos agrotóxicos. Como podemos somar forças para fazer os enfrentamentos necessários?

Cada vez mais a Vigilância pensa nos territórios em que vivemos como o local de onde devem surgir as demandas de vigilância, por isso, o nosso papel é muito relevante. Cabe a cada um e cada uma acompanhar e refletir sobre o que acontece no seu entorno e comunicar sobre os problemas existentes.

Agora que já conhecemos um pouco mais sobre o SUS, seus princípios e a área da Vigilância em Saúde, precisamos conversar também sobre os perigos que rondam o SUS. Nos últimos anos o SUS tem enfrentado uma série de retrocessos. O problema se

intensificou em 2016 com a aprovação da emenda constitucional 95, que limita os gastos em saúde e educação nos próximos 20 anos. Essa emenda desconsidera, por exemplo, que a população aumenta a cada ano e que mais recurso financeiro é fundamental para garantir o atendimento ao povo. O Brasil é um dos países com menor gasto público na saúde. Se o panorama é esse, limitando os gastos a situação fica pior ainda.

“O SUS é o único sistema capaz de oferecer saúde para o povo brasileiro. Sabemos que o sistema sofre um subfinanciamento e, agora, vem sofrendo um desmonte ainda maior, mas nós temos o compromisso de defender, e defender ele no dia a dia, trabalhando”. Flávia de França – filha de assentados do MST e médica do SUS em Governador Valadares.



Somado ao problema dos recursos para investimento na saúde, outro problema grave que acomete o SUS é a entrada de capital internacional em empreendimentos de assistência à saúde. A Lei 13.097 de 2015, que alterou a Lei 8.080 de 1990, permite a entrada de capital estrangeiro na saúde. E o que isso significa? Significa que as empresas estrangeiras que investem dinheiro na saúde no Brasil participam não só das decisões financeiras, mas também das decisões políticas, que podem influenciar diretamente no fortalecimento ou no enfraquecimento do SUS e, com isso, no ganho ou na perda de dinheiro. O SUS é patrimônio do povo brasileiro, portanto, ter os gringos no nosso quintal pode enfraquecer e muito o projeto de um sistema de saúde público, gratuito, universal e de qualidade.

Outro impacto que podemos perceber é o discurso do governo federal de ofertar “*planos de saúde populares*”. Esses planos de saúde apresentam uma oferta restrita de serviços de saúde a serem utilizados e fere os princípios da integralidade e da universalidade. Como a saúde é direito do cidadão e dever do Estado, homens e mulheres têm o direito de utilizar todos os serviços que forem necessários para o cuidado de sua saúde.

Outra ameaça ao SUS e a população do campo é a iminente aprovação do “pacote do veneno”. O projeto de lei prevê a liberação irrestrita do uso de agrotóxicos na produção de alimentos. Além da liberação, há uma briga para diminuir a força da fiscalização da Vigilância Sanitária. Ou seja, teremos mais veneno na mesa do povo brasileiro. Em oposição a isso, está a Agroecologia, que, como vimos ao longo da cartilha, é uma forma de resistência ao uso irresponsável e desenfreado dos agrotóxicos.









E a luta
continua

Por que cantamos

Mário Benedetti

Se cada hora vem com sua morte
se o tempo é um covil de ladrões
os ares já não são tão bons ares
e a vida é nada mais que um alvo móvel

você perguntará por que cantamos

se nossos bravos ficam sem abraço
a pátria está morrendo de tristeza
e o coração do homem se fez cacos
antes mesmo de explodir a vergonha

você perguntará por que cantamos

se estamos longe como um horizonte
se lá ficaram as árvores e céu
se cada noite é sempre alguma ausência
e cada despertar um desencontro

você perguntará por que cantamos

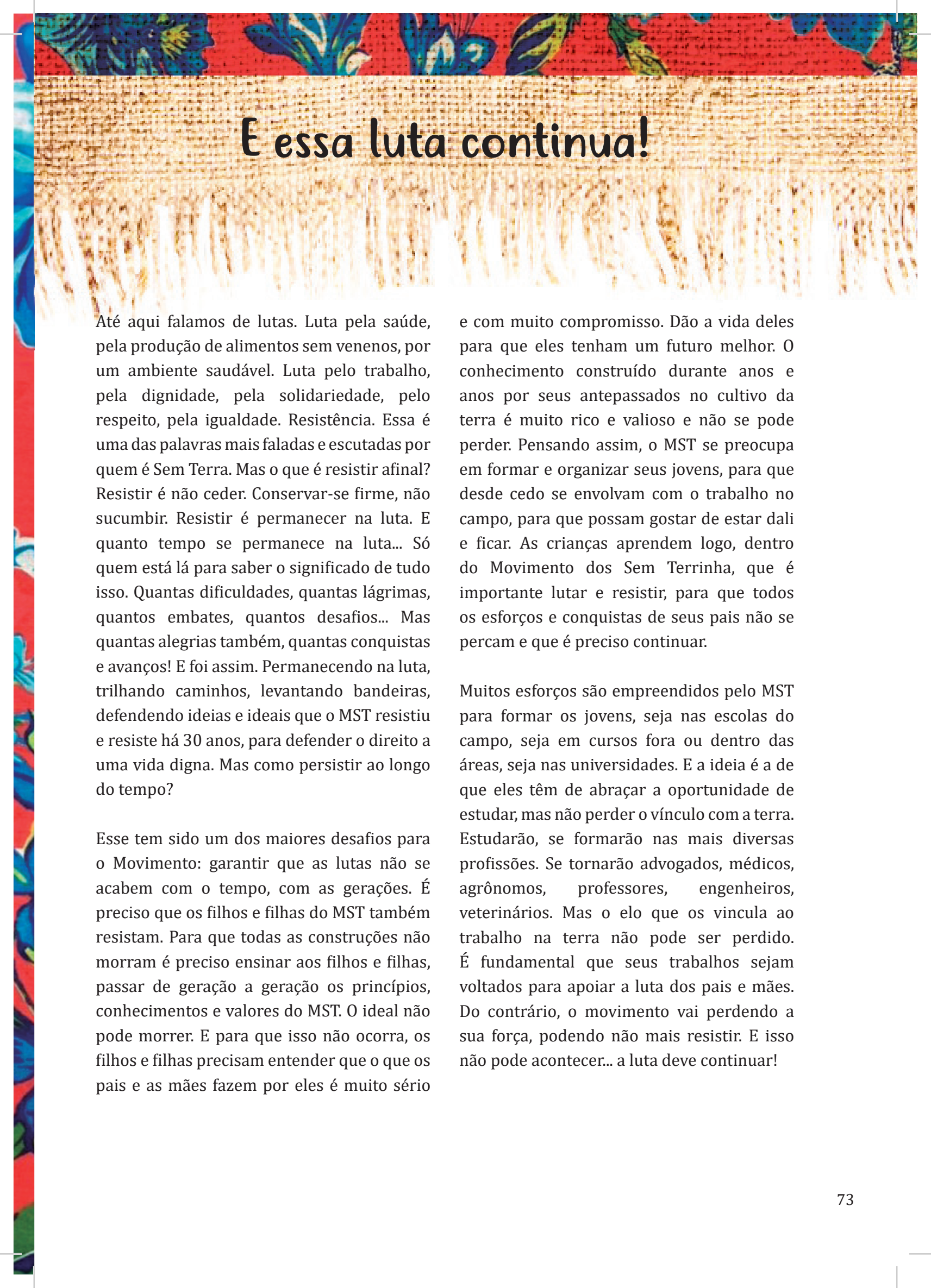
cantamos porque o rio esta soando
e quando soa o rio / soa o rio
cantamos porque o cruel não tem nome
embora tenha nome seu destino

cantamos pela infância e porque tudo
e porque algum futuro e porque o povo
cantamos porque os sobreviventes
e nossos mortos querem que cantemos

cantamos porque o grito só não basta
e já não basta o pranto nem a raiva
cantamos porque cremos nessa gente
e porque venceremos a derrota

cantamos porque o sol nos reconhece
e porque o campo cheira a primavera
e porque nesse talo e lá no fruto
cada pergunta tem a sua resposta

cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida
e porque não podemos nem queremos
deixar que a canção se torne cinzas.



E essa luta continua!

Até aqui falamos de lutas. Luta pela saúde, pela produção de alimentos sem venenos, por um ambiente saudável. Luta pelo trabalho, pela dignidade, pela solidariedade, pelo respeito, pela igualdade. Resistência. Essa é uma das palavras mais faladas e escutadas por quem é Sem Terra. Mas o que é resistir afinal? Resistir é não ceder. Conservar-se firme, não sucumbir. Resistir é permanecer na luta. E quanto tempo se permanece na luta... Só quem está lá para saber o significado de tudo isso. Quantas dificuldades, quantas lágrimas, quantos embates, quantos desafios... Mas quantas alegrias também, quantas conquistas e avanços! E foi assim. Permanecendo na luta, trilhando caminhos, levantando bandeiras, defendendo ideias e ideais que o MST resistiu e resiste há 30 anos, para defender o direito a uma vida digna. Mas como persistir ao longo do tempo?

Esse tem sido um dos maiores desafios para o Movimento: garantir que as lutas não se acabem com o tempo, com as gerações. É preciso que os filhos e filhas do MST também resistam. Para que todas as construções não morram é preciso ensinar aos filhos e filhas, passar de geração a geração os princípios, conhecimentos e valores do MST. O ideal não pode morrer. E para que isso não ocorra, os filhos e filhas precisam entender que o que os pais e as mães fazem por eles é muito sério

e com muito compromisso. Dão a vida deles para que eles tenham um futuro melhor. O conhecimento construído durante anos e anos por seus antepassados no cultivo da terra é muito rico e valioso e não se pode perder. Pensando assim, o MST se preocupa em formar e organizar seus jovens, para que desde cedo se envolvam com o trabalho no campo, para que possam gostar de estar dali e ficar. As crianças aprendem logo, dentro do Movimento dos Sem Terrinha, que é importante lutar e resistir, para que todos os esforços e conquistas de seus pais não se percam e que é preciso continuar.

Muitos esforços são empreendidos pelo MST para formar os jovens, seja nas escolas do campo, seja em cursos fora ou dentro das áreas, seja nas universidades. E a ideia é a de que eles têm de abraçar a oportunidade de estudar, mas não perder o vínculo com a terra. Estudarão, se formarão nas mais diversas profissões. Se tornarão advogados, médicos, agrônomos, professores, engenheiros, veterinários. Mas o elo que os vincula ao trabalho na terra não pode ser perdido. É fundamental que seus trabalhos sejam voltados para apoiar a luta dos pais e mães. Do contrário, o movimento vai perdendo a sua força, podendo não mais resistir. E isso não pode acontecer... a luta deve continuar!

Semente do Amanhã (Nunca Pare de Sonhar)

Gonzaguinha

Ontem um menino que brincava me falou
que hoje é semente do amanhã...

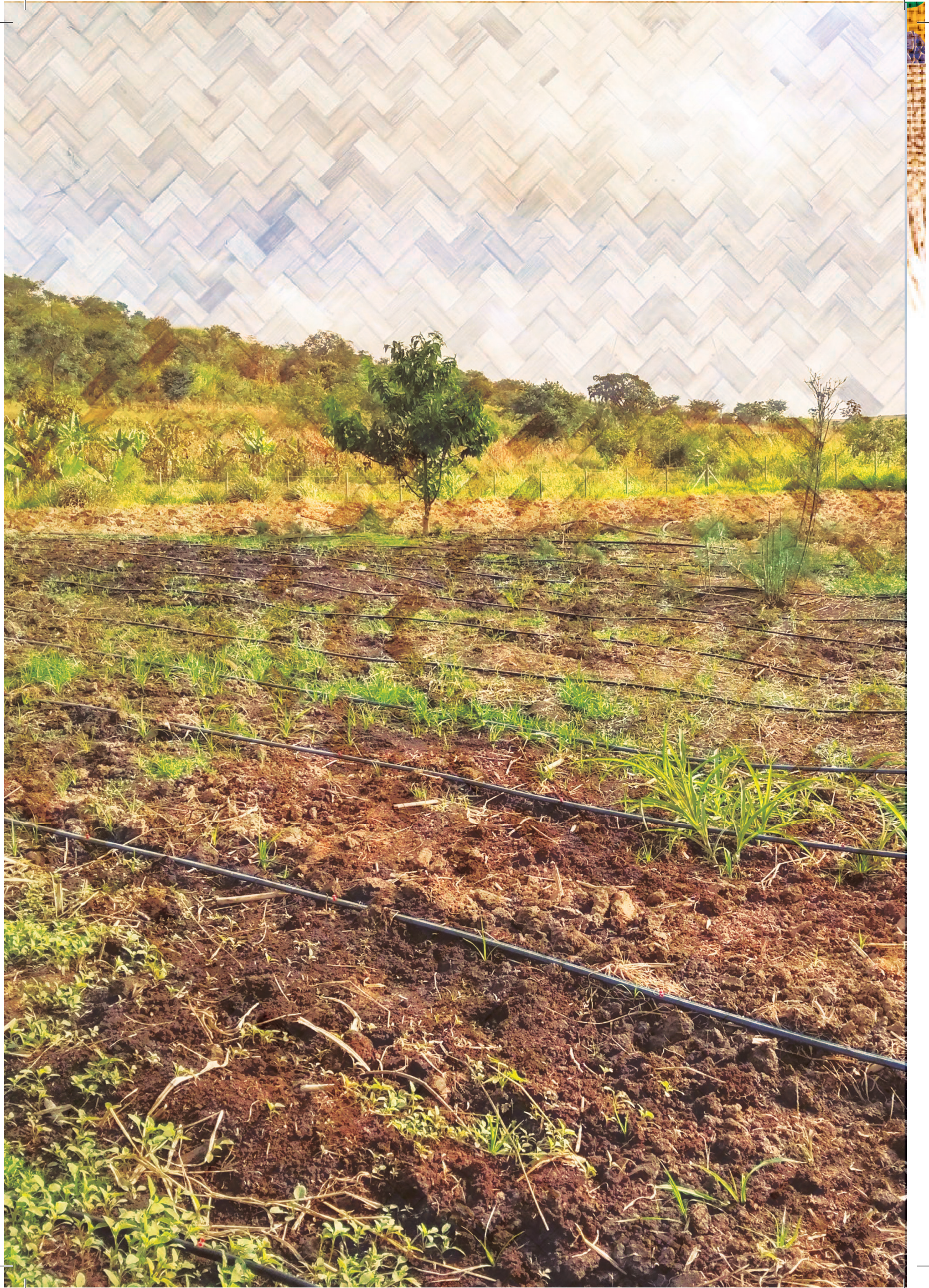
Para não ter medo que este tempo vai passar...
Não se desespere não, nem pare de sonhar

Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs...
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar!
Fé na vida Fé no homem, fé no que virá!

nós podemos tudo,
Nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será









Referências Consultadas

AFFONSO, C. C. B. Ações de Promoção do Ambiente Saudável. NT Editora, Brasília: 2015. 176p.

AIAF. 2014, Ano Internacional da Agricultura Familiar, Camponesa e Indígena. Comitê Brasileiro. Agricultura familiar. Disponível em: <<http://www.aiaf2014.gov.br/aiaf/agricultura-familiar>>. Acesso em: 15 maio 2015.

ALTIERI, M. Agroecology: the science of sustainable agriculture. CO: Westview Press, Boulder, 1995.

ALTIERI, M.; ROSSET, P.; THRUPP, L. A. The potential of agroecology to combat hunger in the developing world. Washington: International Food Policy Research Institute, 1998.

BAHIA, Ligia. Sistema Único de Saúde. In: PEREIRA, Isabel Brasil. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2008. p. 696 – 699.

BRASIL. Lei Nº. 8080/90, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília: DF. 1990. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8080.htm

_____. Lei nº. 11.445, de 05 de janeiro de 2007. Estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico; altera as Leis nos 6.766, de 19 de dezembro de 1979, 8.036, de 11 de maio de 1990, 8.666, de 21 de junho de 1993, 8.987, de 13 de fevereiro de 1995; revoga a Lei no 6.528, de 11 de maio de 1978; e dá outras providências. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2007/lei-11445-5-janeiro-2007-549031-normaatualizada-pl.pdf>.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta. 1. ed.; 1. reimp. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013. 48 p. : il.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Ideias e dicas para o desenvolvimento de processos participativos em Saúde. Brasília: DF. 2016. 240 p. : il.

_____. Portaria Nº 2.311, de 23 de outubro de 2014. Altera a Portaria nº 2.866/GM/MS, de 2 de dezembro de 2011, que institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2311_23_10_2014.html.

- _____. Universidade Estadual de Minas Gerais. Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental. Plano Nacional de Saneamento Rural em construção. Disponível em <http://pnsr.desa.ufmg.br/consulta/>
- CAPORAL, F. R. e COSTABEBER, J. A. Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.
- CARNEIRO, Fernando Ferreira; BURIGO, André Campos; DIAS, Alexandre Pessoa. Saúde no Campo. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 696 – 699.
- DE BIASE, L. A condição feminina na agricultura e a viabilidade da agroecologia. *Agrária*, nº 7, p. 4-36, 2007.
- DELGADO, A. Opening up for participation in agro-biodiversity conservation: the expert-lay interplay in a brazilian social movement. *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, v. 21, p. 559-577, 2008.
- SCOREL, Sara. Equidade em saúde. In: PEREIRA, Isabel Brasil. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2008. p. 696 – 699.
- FONTOURA, Y.; NAVES, F. Movimento agroecológico no Brasil: a construção da resistência à luz da abordagem neogramsciana. *Organ. Soc.*, Salvador, v. 23, n. 77, p. 329-347. 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- HOLT-GIMÉNEZ, E.; ALTIERI, M. Agroecology, food sovereignty, and the new green revolution. *Agroecology and Sustainable Food Systems*, p. 90-102, 2013.
- GLIESSMAN, S. R. *Agroecology: the ecology of sustainable food systems*. Nova Iorque: Taylor and Francis, 2007.
- GUZMÁN CASADO, G.; GONZÁLEZ de MOLINA, M.; SEVILLA GUZMÁN, E. *Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible*. Madrid: Mundi-Prensa, 2000. 535 p.
- KOSS, Monika Von. *Feminino + Masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades*. São Paulo, Escritura, 1999, p.14.
- MINAS GERAIS, Escola de Saúde Pública de Minas Gerais. *Curso de Qualificação de Agentes Comunitários de Saúde – ACS: Caderno 1*. Belo Horizonte: ESP-MG, 2017. p. 17-88.
- MONKEN, Maurício e BATISTELLA, Carlos. *Vigilância em Saúde*. In: PEREIRA, Isabel Brasil. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2008. p. 696 – 699.
- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. *Coletivo Nacional de Saúde. Lutar por Saúde é Lutar pela Vida*. Brasília. 1999.
- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. *Coletivo Nacional de Saúde. Construindo o Conceito de Saúde do MST*. Brasília. 2000.

- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Coletivo Nacional de Saúde. Relatos de experiências em saúde. Brasília. 2005.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – MST. Poética brasileira. Coleção de poetas e poesias do Brasil. Setor de Educação. Boletim da Educação, Nº 10, Brasília. 2005.
- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Coletivo Nacional de Saúde. Boletim Informativo. Dezembro, 2007.
- Movimento dos trabalhadores sem terra. Boletim Informativo Coletivo Nacional De Saúde. mst, 2007.
- Movimento dos trabalhadores sem terra. O Setor de Gênero. MST, 2008.
- Movimento dos trabalhadores sem terra. Lutas e Conquistas, 2 ed. Secretaria Nacional do mst. São Paulo, Janeiro, 2010.
- PINHEIRO, Roseni. Integralidade em Saúde. In: PEREIRA, Isabel Brasil. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2008. p. 696 – 699.
- ROSSET, P. M. et al. The Campesino-to-Campesino agroecology movement of ANAP in Cuba: social process methodology in the construction of sustainable peasant agriculture and food sovereignty. *The Journal of Peasant Studies*, v. 38, p. 161-191, 2011.
- RUCKERT, Bianca and ARANHA, Antônia Vitória Soares. Lutar por saúde é lutar por reforma agrária: estudo sobre práticas de saúde no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Saúde soc.* [online]. 2018, vol.27, n.1, pp.116-127. ISSN 0104-1290. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902018170158>.
- SCOPINHO, R. A. Condições de vida e saúde do trabalhador em assentamento rural. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1575-1584, jun. 2010. suplemento 1.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para além do pensamento abissal – das linhas globais a uma ecologia dos novos saberes. *Novos estudos* 79. novembro de 2007.
- TOSI, L. Mulher e ciência -a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. *Cadernos pagu* (10). 1998: p 369-397.
- WELCH, C. A. Estratégias de resistência do movimento camponês brasileiro em frente das novas táticas de controle do agronegócio transnacional. *Revista NERA (UNESP)*, 8, 35-45. 2005.
- WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. *A review. Agronomy for Sustainable Development*, p. 503-515, 2009

